

Ernesto

sabato

A resistência



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ERNESTO SABATO

A resistência

Tradução
Sérgio Molina



*Para Elvira González Fraga,
que colaborou comigo neste
livro, e ao longo de tantos anos,
com profundíssimo afeto*

Sumário

PRIMEIRA CARTA

O pequeno e o grande

SEGUNDA CARTA

Os antigos valores

TERCEIRA CARTA

Entre o bem e o mal

QUARTA CARTA

Os valores comunitários

QUINTA CARTA

A resistência

EPÍLOGO

A decisão e a morte

PRIMEIRA CARTA

O pequeno e o grande

*O belo consolo de encontrar em uma alma o meu mundo, de
abraçar em uma imagem amiga toda a minha espécie.*

F. Hölderlin

Há certos dias em que acordo com uma esperança demencial, momentos em que sinto que as possibilidades de uma vida mais humana estão ao alcance de nossas mãos. Hoje é um desses dias.

E então me ponho a escrever quase às apalpadelas na madrugada, com urgência, como alguém que saísse para a rua pedindo ajuda diante de uma ameaça de incêndio, ou como um navio que, a ponto de afundar, mandasse um último e fervoroso sinal para um porto que sabe próximo mas ensurdecido pelo barulho da cidade e pela infinidade de letreiros que confundem o olhar.

Peço a vocês que paremos para pensar na grandeza que ainda podemos pretender se ousarmos avaliar a vida de outra maneira. Peço a nós essa coragem que nos situa na verdadeira dimensão do homem. Todos, repetidas vezes, fraquejamos. Mas há uma coisa que não falha, e é a convicção de que — unicamente — os valores do espírito podem nos resgatar deste terremoto que ameaça a condição humana.

Enquanto escrevo a vocês, paro para acariciar um rústico entalhe que ganhei dos índios tobas, e então, como um raio, volta à minha memória uma exposição “virtual” que ontem me mostraram num computador e, confesso, me pareceu coisa do cujo. Porque, à medida que nos relacionamos de forma mais abstrata, vamos nos afastando do coração das coisas, e uma indiferença metafísica se apossa de nós, enquanto entidades sem sangue nem nome tomam o poder. Tragicamente, o homem está perdendo o

diálogo com os demais e o reconhecimento do mundo que o rodeia, quando é nele que se dá o encontro, a possibilidade do amor, os gestos supremos da vida. As palavras à mesa, inclusive as discussões ou brigas, parecem substituídas pela visão hipnótica. A televisão nos tantaliza, como que nos enfeitiça. Esse efeito entre mágico e maléfico resulta, penso, do excesso de luz que nos toma com sua intensidade. Inevitável lembrar que ela produz o mesmo efeito nos insetos, e até nos grandes animais. Então não apenas é difícil afastar-se dela, como também perdemos a capacidade de olhar e ver o cotidiano. Uma rua com árvores enormes, os olhos cândidos no rosto de uma mulher velha, as nuvens de um entardecer. A floração da acácia em pleno inverno não chama a atenção de quem não chega sequer a apreciar os jacarandás de Buenos Aires. Muitas vezes me espantei ao perceber como enxergamos melhor as paisagens no cinema do que na realidade.

É urgente reconhecermos os espaços de encontro que podem nos salvar de ser uma multidão massificada assistindo isoladamente à televisão. O paradoxal é que essa tela nos dá a sensação de estarmos ligados ao mundo inteiro, quando na verdade ela nos rouba a possibilidade de convivermos de forma humana e, o que é igualmente grave, nos predispõe à abulia. Tenho dito em muitas entrevistas, em tom de ironia, que “a televisão é o ópio do povo”, alterando a famosa frase de Marx. Mas de fato acho que estamos ficando entorpecidos diante da tela, e mesmo quando não encontramos nada do que procuramos, continuamos lá, incapazes de nos levantar e ir fazer algo de bom. Ela nos tira a vontade de trabalhar em algum artesanato, de ler um livro, de fazer um conserto na casa enquanto se escuta música ou se toma um mate. Ou de ir ao bar com um amigo, bater papo com alguém da família. É um tédio, um fastio a que nos acostumamos “por falta de coisa melhor”. Ficar monotonamente sentado diante da televisão anestesia a sensibilidade, torna a mente lerda, prejudica a alma.

Os sentidos do ser humano estão se embotando, exigindo cada vez mais intensidade, como acontece com os surdos. Não vemos o que não tem a luz da tela, nem ouvimos o que não vem carregado de decibéis, nem sentimos perfumes. Já nem as flores os têm.

Uma coisa que me perturba terrivelmente é o barulho. Às vezes caminhamos vários quarteirões antes de achar um lugar onde tomar um café em paz. Não que por fim achemos um bar silencioso, apenas nos conformamos em pedir que, por favor, desliguem o televisor, coisa que fazem com a maior boa vontade por se tratar de mim, mas eu me pergunto como as pessoas que vivem nesta cidade de treze milhões de habitantes fazem para achar um lugar onde conversar com um amigo. Isso acontece com todos nós e muito especialmente com os verdadeiros amantes da música, ou pensam que preferimos escutá-la enquanto todos falam de outros assuntos e aos gritos? Todo café tem um televisor ou um aparelho de som no último volume. Se todo mundo reclamasse como eu, energicamente, as coisas começariam a mudar. Eu me pergunto se as pessoas percebem o mal que o barulho lhes faz; ou será que as convenceram de que o moderno é conversar aos gritos? Em muitos apartamentos dá para escutar o televisor do vizinho. Como é possível ter tão pouco respeito pelo outro? Como o ser humano faz para suportar o aumento de decibéis em que vive? Experiências com animais provam que o volume elevado prejudica primeiro a memória, depois enlouquece e finalmente mata. Eu devo ser como eles, porque faz tempo que ando pela rua com tampões nos ouvidos.

O homem está se acostumando a aceitar passivamente uma constante invasão sensorial. E essa atitude passiva acaba sendo uma servidão mental, uma verdadeira escravidão.

Mas há um jeito de contribuir para a proteção da humanidade, e é não se conformar. Não assistir com indiferença ao desaparecimento da infinita riqueza que forma o universo que nos rodeia, com suas cores, sons e

perfumes. Os mercados de hoje não são mais aqueles aonde iam as mulheres, com suas bancas de frutas, de verduras, de carnes, uma verdadeira festa de cores e cheiros, festa da natureza em plena cidade, atendidas por homens que vociferavam entre si, enquanto nos contagiavam com a gratidão por seus frutos. Pensar que eu acompanhava mamãe à granja para comprar ovos que eram retirados de baixo das galinhas poedeiras na hora! Hoje tudo vem embalado, e as compras já começam a ser feitas pelo computador, por meio dessa tela que logo será a janela por onde os homens sentirão a vida. Indiferente e intocável a mais não poder.

Não há outro modo de atingir a eternidade a não ser aprofundando-se no instante, nem outra forma de chegar à universalidade que não através da própria circunstância: o aqui e agora. Mas como? Revalorizando o pequeno lugar e o breve tempo em que vivemos, que nada têm a ver com as maravilhosas paisagens que podemos ver na televisão, mas que estão sagradamente impregnados da humanidade das pessoas que neles vivem. Dizemos *cadeira*, *janela* ou *relógio*, palavras que designam meros objetos, e, no entanto, de repente transmitimos algo misterioso e indefinível, algo que é como uma chave, como uma mensagem inefável de uma região profunda do nosso ser. Dizemos *cadeira*, mas não queremos dizer *cadeira*, e nos entendem. Ou pelo menos nos entendem aqueles aos quais a mensagem secretamente se destina. Assim, aquele par de tamancos, aquela vela, essa cadeira, não querem dizer nem esses tamancos, nem essa vela macilenta, nem aquela cadeira de palha, e sim Van Gogh, Vincent: sua ansiedade, sua angústia, sua solidão; são antes seu auto-retrato, a descrição de suas aflições mais profundas e dolorosas. Valendo-se de objetos deste mundo aparentemente árido que está fora de nós, que talvez estivesse antes de nós e que muito provavelmente nos sobreviverá. Como se esses objetos fossem trêmulas e transitórias pontes para transpor o abismo sempre aberto entre nós e o universo, símbolos daquilo profundo e recôndito que refletem; indiferentes e apagados para quem não é capaz de entender a

chave, mas cálidos, tensos e cheios de intenção secreta para quem a conhece. Porque o homem faz com os objetos o mesmo que a alma realiza com o corpo, impregnando-o de seus desejos e sentimentos, manifestando-se através das rugas carnis, do brilho dos olhos, dos sorrisos e da comissura dos lábios.

Se nos tornarmos incapazes de criar um clima de beleza no pequeno mundo ao nosso redor e só atentarmos às razões do trabalho, muitas vezes desumanizado e competitivo, como poderemos resistir?

A presença do homem se manifesta numa mesa arrumada, numa pilha de discos, num livro, num brinquedo. O contato com qualquer obra humana evoca em nós a vida do outro, deixa rastros que nos inclinam a reconhecê-lo e a encontrá-lo. Vivendo como autômatos, seremos cegos aos rastros que os homens vão deixando, como as pedrinhas que João e Maria jogavam no caminho na esperança de serem encontrados.

O homem se expressa para chegar aos outros, para sair do cativeiro de sua solidão. Sua natureza de peregrino é tal que nada preenche seu desejo de expressão. Trata-se de um gesto inerente à vida, que nada tem a ver com a utilidade, que transcende qualquer possibilidade funcional. Os homens, à sua passagem, vão deixando seu vestígio; do mesmo modo, ao voltar para casa depois de um dia de trabalho esgotante, uma mesinha qualquer, um par de sapatos gastos, uma simples luz são comoventes símbolos de uma costa que ansiamos alcançar, como náufragos exaustos que conseguissem tocar a terra depois de um longo embate contra a tempestade.

São muito poucas as horas livres que o trabalho nos deixa. Apenas um rápido café-da-manhã que costumamos tomar já pensando nos problemas do escritório, porque vivemos de tal maneira como produtores que estamos perdendo a capacidade de parar por alguns minutos diante de uma xícara de café pela manhã, ou de um mate compartilhado. E a volta para casa, a hora de nos reunirmos com os amigos ou com a família, ou de ficarmos em silêncio como a natureza nessa misteriosa hora do entardecer que lembra os

quadros de Millet, quantas vezes perdemos esses instantes prostrados diante da televisão! Concentrados em algum canal ou fazendo zapping, parece que obtemos um prazer ou uma beleza que já não descobrimos partilhando um ensopado, ou um copo de vinho, ou um caldo fumegante que nos vincule a um amigo numa noite qualquer.

Quando somos sensíveis, quando nossos poros não estão tapados pelas implacáveis camadas, a proximidade da presença humana nos sacode, nos anima, entendemos que é o outro que sempre nos salva. E se chegamos à idade que temos é porque outros foram salvando nossa vida, incessantemente. Com a idade que tenho hoje, posso dizer, dolorosamente, que toda vez que perdemos um encontro humano uma coisa se atrofiou em nós, ou se quebrou. Muitas vezes somos incapazes de um encontro genuíno porque só reconhecemos os outros na medida em que definem nosso ser e nosso modo de sentir, ou que são convenientes aos nossos projetos. Não podemos deter a marcha para desfrutar de um encontro porque estamos cheios de trabalho, de problemas para resolver, de ambições. E porque a magnitude da cidade nos ultrapassa. Então o outro ser humano não chega a nós, não o vemos. Está mais ao nosso alcance um desconhecido com quem batemos papo pelo computador. Na rua, nas lojas, nas infinitas filas e guichês, sabemos — abstratamente — que estamos lidando com seres humanos, mas na realidade tratamos os demais como outros tantos servidores informáticos ou funcionais. Não vivemos essa relação de modo afetivo; é como se estivéssemos cobertos por uma camada de proteção contra os fatos humanos “desviantes” da atenção. Os outros nos atrapalham, nos fazem perder tempo. O que deixa o homem terrivelmente sozinho, como se em meio a tanta gente, ou por isso mesmo, se espalhasse o autismo.

Vi em alguns filmes que a alienação e a solidão têm chegado a tal ponto que as pessoas tentam se amar por meio de um monitor. Isso sem falar nessas mascotes artificiais inventadas pelos japoneses, nem sei como se chamam, que a pessoa cuida como se tivessem vida, porque manifestam

“sentimentos” e é preciso falar com elas. Quanto lixo! E como é trágico pensar que essa é a maneira que muitas pessoas têm de expressar seu afeto! Uma brincadeira sinistra, quando há tantas crianças jogadas pelo mundo e tanto nobre animal a caminho da extinção.

Ainda é tempo de reverter esse abandono e esse massacre. Essa convicção deve nos possuir até o compromisso.

A vida é aberta por natureza, até a daqueles que ergueram em torno de si uma barreira mais escura que uma masmorra. Sua pulsação exige um interstício, o mínimo espaço de que a vida necessita para continuar pulsando, e através dele pode penetrar a plenitude de um encontro, como as grandes marés podem infiltrar-se até nas mais fortificadas barragens. A abertura pode ser uma doença, ou a manifestação de um milagre qualquer da vida: uma pessoa que nos ama apesar do nosso obstinado isolamento, como um pingo que batesse incessantemente contra os altos muros. E então a pessoa que vivia mais sozinha e isolada pode revelar-se a mais apta a amar, por ter suportado essa grave carência durante longo tempo. Por isso muitas vezes são as pessoas que sofreram mais orfandade as que mais se entregam e se dedicam à pessoa amada. É o amor que nunca se recebe como um fato dado, que sempre pertence à dimensão do milagre. Essa constatação que tantas vezes fizemos na vida, por mais que isso contrarie alguns psicólogos, é o que nos anima a pensar que nossa sociedade, tão doentia e desumanizada, pode dar origem a uma cultura religiosa, como profetizou Berdiaev no início do século xx.

A medicina é uma das áreas em que se pode perceber uma onda de refluxo chocando-se contra essa trágica crença na abstração. Se em 1900 um curandeiro curava por sugestão, isso não merecia mais do que risos dos médicos, porque naquele tempo eles só acreditavam em coisas materiais, como músculos ou ossos; hoje os médicos praticam aquilo mesmo que consideravam superstição, agora sob o nome de “medicina psicossomática”. Mas durante muito tempo persistiu neles o fetichismo da máquina, da

razão e da matéria, todos muito orgulhosos das grandes conquistas de sua ciência, pelo simples fato de terem substituído o auge da varíola pelo do câncer.

A falha central da medicina resulta da falsa base filosófica dos três séculos passados, da ingênua separação entre corpo e alma, do ingênuo materialismo que levava a buscar a causa de toda doença no somático. O homem não é um simples objeto físico, desprovido de alma; nem sequer um simples animal: é um animal que não tem apenas alma, mas também espírito, e o primeiro animal a alterar seu próprio meio por obra da cultura. Assim, sua vida é um equilíbrio — instável — entre seu próprio soma e seu meio físico e cultural. Uma doença é talvez a ruptura desse equilíbrio, que pode ser causada por um impulso somático, mas igualmente por um impulso anímico, espiritual ou social. Não é absurdo pensar que doenças modernas como o câncer se devam essencialmente ao desequilíbrio que a tecnologia e a sociedade moderna produziram entre o homem e seu meio. O câncer por acaso não é um tipo de crescimento descontrolado e vertiginoso?

Alterações ecológicas causaram o desaparecimento de espécies inteiras, e assim como os grandes répteis não puderam sobreviver às transformações ocorridas no final do período mesozóico, pode ser que a espécie humana seja incapaz de suportar as catastróficas mudanças do mundo contemporâneo. Porque essas mudanças são tão tremendas, tão profundas e, sobretudo, tão vertiginosas, que perto delas as que provocaram o desaparecimento dos dinossauros são insignificantes. O homem não teve tempo para se adaptar às bruscas e poderosas transformações que sua técnica e sua sociedade provocaram ao seu redor; e não é arriscado afirmar que as doenças modernas sejam o meio de que o cosmos se vale para sacudir esta orgulhosa espécie humana.

Nosso tempo conta com telefones para suicidas. De fato, é possível dizer alguma coisa a um homem para o qual a vida deixou de ser o bem

supremo. Eu mesmo muitas vezes atendi pessoas à beira do abismo. Mas é muito significativo que se tenha de procurar um gesto amigo por telefone ou por computador, e não se encontre nada parecido em casa, no trabalho ou na rua, como se vivêssemos confinados numa clínica-prisão que nos separa das pessoas ao nosso lado. E então, privados do contato de um abraço ou de uma mesa partilhada, restam-nos “os meios de comunicação”.

Do mesmo modo, quanto melhor é morrer na própria cama, rodeado de afeto, acompanhado pelas vozes, os rostos e os objetos familiares, do que nessas ambulâncias que cortam as ruas enlouquecidas para internar o moribundo numa sala esterilizada, em vez de deixá-lo em paz.

Recordo com admiração o nome de alguns velhos médicos que curavam o doente com sua simples chegada. Quantos sorrisos irônicos essa ofuscante verdade mereceu!

É noite de verão, a lua ilumina de quando em quando. Caminho para minha casa por entre as magnólias e as palmeiras, por entre os jasmims e as imensas araucárias, e paro para observar a trama que as trepadeiras teceram sobre a fachada desta casa que já é uma ruína amada, com persianas carcomidas ou desencaixadas; e, apesar da velhice, ou justamente por causa dela, que tanto se parece com a minha, sinto que não a trocaria por nenhuma mansão do mundo.

* * *

Existe na vida um valor que permanece muitas vezes invisível para os outros, mas que o homem escuta no fundo da alma: é a fidelidade ou traição ao que sentimos como destino ou vocação a cumprir.

O destino, como tudo que é humano, não se manifesta em abstrato, mas encarna numa circunstância, num pequeno lugar, num rosto amado ou num nascimento muito pobre nos confins de um império.

Nem o amor, nem os encontros verdadeiros, nem mesmo os profundos desencontros são obra do acaso, e sim algo que nos está misteriosamente reservado. Quantas vezes na vida me surpreendeu a maneira como, entre

multidões de pessoas que existem no mundo, acabamos encontrando aquelas que de algum modo possuíam as tábuas do nosso destino, como se pertencêssemos a uma mesma organização secreta, ou aos capítulos de um mesmo livro! Nunca pude saber se reconhecemos essas pessoas porque já as procurávamos, ou as procuramos porque elas já rondavam nosso destino.

O destino se mostra em sinais e indícios que parecem insignificantes, mas que depois reconhecemos como decisivos. Assim, não raro pensamos andar perdidos pela vida, quando na realidade sempre caminhamos com um rumo fixo, às vezes determinado por nossa vontade mais visível, mas em outras ocasiões, talvez mais decisivas para nossa existência, por uma vontade desconhecida até de nós mesmos, mas poderosa e incontrolável, que vai nos conduzindo para os lugares onde devemos nos encontrar com seres ou coisas que, de um jeito ou de outro, são, foram ou serão primordiais para nosso destino, favorecendo ou atrapalhando nossos desejos aparentes, facilitando ou colocando obstáculos a nossas ansiedades, e às vezes, o que é mais espantoso, provando estar mais despertos que nossa vontade consciente.

Agora a vida parece uma série de cenas soltas, uma ao lado da outra, como tênues, incertas e levíssimas folhas arrastadas pelo furioso e sem sentido vento do tempo. Minha memória é composta de fragmentos de existência, estáticos e eternos: o tempo não passa entre eles, e coisas que aconteceram em épocas muito distantes entre si estão juntas, ligadas ou reunidas por estranhas antipatias e simpatias. Ou talvez aflorem à superfície da consciência unidas por vínculos absurdos mas poderosos, como uma canção, uma brincadeira ou um ódio comum. Como agora, quando, para mim, o fio que as une e vai puxando da memória, uma após outra, é certa ferocidade na busca de algo absoluto, certa perplexidade que liga palavras como *filho, amor, Deus, pecado, pureza, mar, morte*.

Mas não acredito no destino como fatalidade, como na tradição grega, ou em nosso tango: "*Contra el destino, nadie la talla*".*

Pois, se fosse assim, que sentido haveria em escrever para vocês? Acredito que a liberdade nos foi destinada para cumprirmos uma missão na vida; e sem liberdade nada vale a pena. E mais: acredito que a liberdade a nosso alcance é maior do que aquela que ousamos viver. Basta lermos a história, essa grande mestra, para vermos quantos caminhos o homem pôde abrir com seus braços, até que ponto o ser humano foi capaz de mudar o rumo dos acontecimentos. Com esforço, com amor, com fanatismo.

Mas, se não nos deixarmos tocar por aquilo que nos rodeia, não poderemos ser solidários com nada nem com ninguém, ficaremos reduzidos a essa arrepiante expressão com que se designa o ser humano dos tempos atuais, “átomo cápsula”, esse indivíduo que cria a seu redor outras tantas cápsulas em que se fecha: seu apartamento funcional, a estrita tarefa que compete a seu cargo, os horários de sua agenda. Não podemos nos esquecer de que antigamente a sementeira, a pesca, a coleta dos frutos, o artesanato, assim como o trabalho nas ferrarias, nos ateliês de costura ou nos estabelecimentos do campo, reuniam as pessoas e as incorporavam no conjunto de sua personalidade. Foi a percepção do início dessa ruptura que levou os operários do século XVIII a se rebelar contra as máquinas, a querer incendiá-las. Hoje os homens procuram a coesão em massa para se adequar à crescente e absoluta funcionalidade que o sistema exige, hora após hora. Mas a vida nas grandes cidades, que os ultrapassa como um furacão às areias de um deserto, somada ao hábito de assistir à televisão, de aceitar passivamente os acontecimentos, sejam eles quais forem, sem se sentir responsável por nada, está ameaçando a liberdade. É algo tão grave quanto o objeto do alerta lançado por Jünger: “Se os lobos contagiarem a massa, num mau dia o rebanho se transformará em horda”.

Se a mentalidade do homem mudar, o perigo que vivemos será paradoxalmente uma esperança. Poderemos recuperar esta casa que nos foi miticamente entregue. A história sempre oferece novidades. Por isso, apesar das desilusões e frustrações acumuladas, não há motivo para desacreditar

do valor das proezas cotidianas. Embora simples e modestas, são elas que estão gerando uma nova narrativa da história, abrindo um novo curso para a torrente da vida.

A comunhão do homem com tudo o que é simples e familiar se acentua ainda mais na velhice, quando vamos nos despedindo de projetos e nos aproximamos mais da terra da nossa infância, não da terra em geral, mas daquele pedaço, daquele ínfimo pedaço de terra em que transcorreu nossa infância, onde vivemos nossas brincadeiras e nossa magia, a irrecuperável magia da irrecuperável infância. E então recordamos uma árvore, o rosto de um amigo, um cachorro, uma estrada poeirenta nas tardes de verão, com seu zumbido de cigarras, um riacho. Coisas assim. Não grandes coisas, e sim pequenas e modestíssimas coisas, mas que no ser humano adquirem uma incrível magnitude, sobretudo quando o homem que vai morrer só pode se defender com a lembrança, tão angustiosamente incompleta, tão tênue e pouco carnal, daquela árvore ou daquele riacho da infância; que estão separados de nós não só pelos abismos do tempo mas também por vastos territórios.

Por isso podemos ver tantos velhos que quase não falam e o tempo todo parecem olhar ao longe, quando na verdade estão olhando para dentro, para o mais profundo de sua memória. Porque a memória é o que resiste ao tempo e a seus poderes de destruição, e é como se fosse a forma que a eternidade pode assumir nesse trânsito incessante. E embora nós (nossa consciência, nossos sentimentos, nossa dura experiência) mudemos com o passar dos anos, e também nossa pele e nossas rugas se tornem prova e testemunho desse trânsito, há algo no ser humano, bem lá no fundo, em regiões muito escuras, aferrado com unhas e dentes à infância e ao passado, à raça e à terra, à tradição e aos sonhos, que parece resistir a esse trágico processo preservando a eternidade da alma na humildade de uma prece.

Foi necessária uma crise geral da sociedade para essas verdades simples porém humanas ressurgirem com todo o seu vigor. Estaremos perdidos se

não revertermos, com energia, com amor, essa tendência que nos reduz a adoradores da televisão, que idiotiza as crianças, que já não brincam nos parques. Se Deus existe, que não o permita.

Voltam à minha memória imagens de homens e mulheres lutando na adversidade, como aquela indiazinha grávida, quase uma menina, que me arrancou lágrimas de emoção no Chaco, pois em meio à miséria e às privações sua alma agradecia a vida que ela carregava no ventre.

Apesar de tudo, como é admirável o ser humano, essa coisa tão pequena e transitória, tão seguidamente esmagada por terremotos e guerras, tão cruelmente posta à prova em incêndios, naufrágios, pestes e mortes de filhos e pais.

Sim, tenho uma esperança demencial, ligada, paradoxalmente, à nossa atual pobreza existencial e ao desejo, que descubro em muitos olhares, de que algo grande nos consagre a cuidar com empenho da terra em que vivemos.

Contudo, enquanto digo isso, algo como uma visão tremenda me faz sentir que o grande pesadelo já passou, que já percebemos que toda consideração abstrata, mesmo quando se refere a problemas humanos, não serve para consolar homem algum, para aplacar nenhuma das tristezas e angústias que pode sofrer um ser concreto de carne e osso, um pobre ser com olhos que fitam ansiosamente (o quê ou quem?), uma criatura que só sobrevive graças à esperança.

Já muito cansado, nesta noite de novembro, a araucária me traz à memória o amor que meu amigo Tortorelli tinha por suas árvores. Era comovente, ele chegava a abraçar algumas que o faziam lembrar do tempo em que fora guarda-florestal. Tivemos a emoção de percorrer com ele, pela Patagônia, lugares impressionantes como os bosques petrificados de *arrayanes* e aqueles outros onde se erguem árvores milenares. Ele nos dizia, acariciando o tronco dessas formidáveis araucárias e *coihues* ainda

vivos: “Pensem por um momento que quando o Império Romano surgiu e quando ruiu, quando os gregos e os troianos lutavam por Helena, esta árvore já estava aqui, e continuava aqui quando Rômulo e Remo fundaram Roma, e quando Jesus Cristo nasceu. E enquanto Roma ia dominando o mundo, e quando caiu. E assim passaram impérios, guerras intermináveis, as Cruzadas, o Renascimento, e toda a história do Ocidente até hoje. E aqui está ela”. Também nos disse que os ventos úmidos do Pacífico precipitam quase toda a sua água do lado chileno, o que faz que um incêndio deste lado seja fatal, porque as árvores morrem, e o deserto avança inexoravelmente. Então nos levou até o limite da estepe patagônica e nos mostrou os ciprestes quase retorcidos pelo sofrimento que, como ele disse, “cobriam a retaguarda”. Firmes e estóicos, como uma legião suicida, davam o último combate à adversidade.

Acredito nos cafés, no diálogo, acredito na dignidade da pessoa, na liberdade. Sinto saudade, quase ansiedade de um infinito, mas humano, na nossa medida.

* "Contra o destino, ninguém pode"; verso do tango "Adiós muchachos", de Julio César Sanders e César Vedani, celebrizado na interpretação de Carlos Gardel. (N. T.)

SEGUNDA CARTA

Os antigos valores

Eu estava diante da vasta e rica terra, mas tinha olhos apenas para o mais humilde e o mais diminuto... Onde estaríamos nós, pobres homens, se não existisse a terra fiel? Que teríamos se não contássemos com essa beleza e essa bondade?

R. Walser

Depois de percorrermos durante horas a imponente Quebrada de Humahuaca, voltamos à antiga cidade de Salta, em outros tempos tão linda, hoje quase irreconhecível, infestada de letreiros e prédios modernos que destruíram a beleza de suas ruas coloniais. Já é muito pouco o que resta da aristocrata cidade de Salta, como se ninguém a olhasse, como se também a ela tivesse chegado esse desencanto moderno que não põe empenho em nada, que constrói as casas para serem derrubadas no dia seguinte, já sem fachadistas nem velhos ferreiros.

De tarde fui à histórica catedral, o santuário onde amanhã milhares de fiéis celebrarão a Festa do Milagre. Muitos deles vêm peregrinando há dias para oferecer suas cândidas promessas, tão simples como uma flor do campo, e seus pedidos tão prementes como comida, saúde ou trabalho.

Sentado na praça, voltaram minhas obsessões de sempre. As sociedades desenvolvidas se ergueram sobre o desprezo dos valores transcendentais e comunitários e daqueles que não são avaliáveis em dinheiro, mas em beleza. Volto a constatar o quanto enfiearam as cidades de nosso país, tanto Buenos Aires como as antigas cidades do interior. Como foram malcuidadas! Dá pena ver fotos de anos atrás, quando elas ainda conservavam sua personalidade, suas árvores, a fachada de seus edifícios. Imerso em minhas rumações, paro para olhar um menino de três ou quatro anos que brinca sob os cuidados da mãe, como se por baixo de um mundo ressecado pela competição e o individualismo, onde quase não há

lugar para os sentimentos nem para o diálogo entre os homens, subsistissem, como antigas ruínas, os restos de um tempo mais humano. Nas brincadeiras das crianças às vezes percebo os vestígios de rituais e valores que parecem perdidos para sempre, mas que tantas vezes reencontro em cidadezinhas remotas e inóspitas: a dignidade, o desinteresse, a grandeza diante da adversidade, as alegrias simples, a coragem física e a integridade moral.

O menino continua brincando no coreto da praça, onde amanhã decerto tocará a orquestra ou haverá um concerto de violões, como nos feriados da minha antiga Rojas.

Em outra época — lamento usar expressões com certo ar arqueológico, mas quando se tem quase a idade do século... que é que estou dizendo? a idade do século passado! —, quando eu era criança, em Rojas, ainda se preservavam valores que faziam do nascimento, do amor, da adolescência, da morte uma cerimônia bela e profunda. O tempo da vida não era o da pressa dos relógios, mas ainda conservava espaço para os momentos sagrados e para os grandes rituais, que misturavam antigas crenças destas terras com as epopéias dos santos cristãos. Um ritmo pausado em que festas e acontecimentos assinalavam os marcos fundamentais da existência, aguardados por aqueles que, como eu, tinham seis ou sete anos, mas também pelos adultos e pelos velhos. Como a chegada do Carnaval, um aniversário, a celebração do Natal, o misterioso encanto da manhã de Reis ou a grande festividade do santo padroeiro, com procissão, empanadas e bailes. Até a mudança das estações e a alternância dos dias e das noites pareciam abrigar um enigma que fazia parte daquele ritual, perpetuado ao longo de gerações como numa história sagrada. Todos participavam dessas festas, dos mais pobres até os mais ricos. Recordo a admiração com que eu assistia às provas de montaria e como gostava de ir ao circo.

Havia épocas boas e épocas calamitosas, mas dependiam da natureza, das colheitas; o homem não sentia que devia agir sempre e a todo momento

para controlar o desenrolar de tudo, como pensa hoje em dia.

Agora a humanidade carece de ócio, em grande parte porque nos habituamos a medir o tempo de modo utilitário, em termos de produção. Antigamente os homens trabalhavam num ritmo mais humano, muitas vezes em ofícios e artesanatos, e enquanto realizavam suas tarefas conversavam uns com os outros. Eram mais livres que o homem de hoje, que é incapaz de resistir à televisão. Eles podiam descansar na hora da sesta, ou jogar tava com os amigos. Daquela época guardo esta frase então corriqueira: “Venha cá, amigo, vamos jogar baralho para matar o tempo”, uma proposta inconcebível para nós. Momentos em que as pessoas se reuniam para tomar mate, enquanto contemplavam o entardecer sentadas nos bancos que costumavam ficar na frente das casas, no alpendre. E quando o sol sumia no horizonte, enquanto os pássaros acabavam de se recolher em seus ninhos, a terra fazia um longo silêncio, e os homens, ensimesmados, pareciam se perguntar sobre o sentido da vida e da morte.

A vida dos homens centrava-se em valores espirituais hoje quase em desuso, como a dignidade, o desinteresse, o estoicismo do ser humano perante a adversidade. Esses grandes valores, como a honestidade, a honra, o apreço pelas coisas bem-feitas, o respeito pelo outro, nada disso era excepcional, mas coisas que se encontravam na maioria das pessoas. De onde vinha sua força, sua coragem perante a vida?

Outra frase daquele tempo, na qual eu nunca havia reparado tanto quanto agora, era “Deus proverá”. O modo de ser das pessoas de então, seu desinteresse, a serenidade de suas maneiras sem dúvida repousavam na profunda confiança que elas tinham na vida. Fosse na ventura ou na desgraça, o importante não dependia delas. Também os valores emanavam de textos sagrados, eram mandatos divinos.

Os homens, desde que se viram em pé sobre a terra, acreditaram num ser superior. Não existe cultura que não tenha tido seus deuses. O ateísmo é uma novidade dos tempos modernos; antes dele, o “*ves llorar la Biblia*

junto a un calefón”¹ jamais poderia ter sido dito. Quem duvida, que releia Homero ou os mitos da América. Os homens acreditavam ser filhos de Deus, e o homem que sente semelhante filiação pode até ser escravo, servo, mas nunca uma engrenagem. Quaisquer que sejam as circunstâncias da vida, ninguém pode despojá-lo desse pertencimento a uma história sagrada: sua vida sempre estará incluída no olhar dos deuses.

Será possível vivermos sem que a vida tenha um sentido perdurável? Camus, percebendo a magnitude do que se perdeu, diz que o grande dilema do homem é saber se é possível ou não ser santo sem Deus. Mas, como Kirilov já havia genialmente proclamado, “se Deus não existe, tudo é permitido”. Sartre deduz dessa famosa frase a total responsabilidade do homem, ainda que, como ele próprio disse, a vida seja um absurdo. Esse ápice do comportamento humano tem sua máxima expressão na solidariedade, mas quando a vida é sentida como um caos, quando já não há um Pai que nos faça sentir irmãos, o sacrifício é despojado do fogo que o alimenta.

Se tudo é relativo, de onde o homem pode tirar forças para o sacrifício? E acaso é possível viver sem sacrifício? Os filhos são um sacrifício para os pais, cuidar dos mais velhos ou dos doentes também. Assim como a renúncia ao individual em nome do bem comum, assim como o amor. Sacrificam-se os que envelhecem trabalhando pelos outros, os que morrem para salvar o próximo. E pode existir sacrifício quando a vida perdeu o sentido para o homem ou quando ele só o encontra no conforto individual, no sucesso pessoal?

De manhã, a caminho do monumento a Güemes,² esse herói romântico e aguerrido, parei para olhar um carrossel com *sortija*,³ como os de minha cidadezinha natal. E sinto um nó na garganta ao pensar na beleza do povoado em que me criei, nessas simples alegrias tão raras entre as crianças de hoje.

* * *

Outro valor perdido é a vergonha. Vocês perceberam que as pessoas não têm mais vergonha, e que podemos encontrar qualquer sujeito acusado das piores corrupções misturado com gente de bem, com um largo sorriso no rosto, como se nada tivesse acontecido? Em outros tempos, sua família teria se enclausurado, mas agora tudo dá na mesma, e alguns programas de televisão até convidam o criminoso e o tratam como a um distinto senhor.

Do ponto de vista do homem moderno, as pessoas de antigamente tinham menos liberdade. As possibilidades de escolha eram menores, mas, sem dúvida, sua responsabilidade era muito maior. Nem lhes passava pela cabeça a possibilidade de negligenciar os deveres de seu cargo, a fidelidade ao lugar que a vida parecia ter lhes reservado.

Uma coisa notável é o valor que aquela gente dava às palavras. De modo algum eram uma arma justificativa. Hoje todas as interpretações são válidas, e as palavras servem mais para nos desonerar da responsabilidade sobre nossos atos do que para responder por eles.

Não quero importunar vocês com velhos casos que guardo na memória. Além disso, é provável que os mais jovens não entendam o alcance dos mitos, que são a experiência de uma remota vida intemporal, carregada de significados que iluminam o presente. Como bem disse Eliade, cada concepção de mundo precisa ser vivida de dentro para ser compreendida, e seu compartilhamento fortalece o senso de comunidade e o elo entre os homens.

Antigamente as pessoas se conheciam e não precisavam se exhibir, a trajetória de vida de cada um estava à vista de todos. É algo que eu posso afirmar porque, para mim, ser reconhecido pelas pessoas não apenas me anima imensamente como também cria uma responsabilidade. Por outro lado, quando multidões de seres humanos pululam nas ruas das grandes cidades sem que ninguém os chame pelo nome, sem saber de que história

fazem parte nem para onde se dirigem, o homem perde o vínculo com o chão sobre o qual transcorre sua existência. Já não vive defronte às pessoas de seu lugar, a seus vizinhos, a seu Deus, e sim angustiosamente perdido entre multidões cujos valores desconhece ou cuja história mal compartilha.

Quando a multiplicidade de culturas relativiza os valores e a “globalização” esmaga com seu poder, impondo uma arrogante uniformidade, o ser humano, em seu desconcerto, perde o senso dos valores e de si mesmo e já não sabe em quem ou em que acreditar. Como disse Gandhi:

Não quero minha casa murada por todos os lados nem com as janelas emparedadas. Quero que o sopro de todas as culturas entre tão livremente quanto possível. Mas não admito que nenhuma delas irrompa e me arraste. Queria ver nossos jovens amantes da literatura estudando a fundo o inglês e todas as línguas que quisessem. Mas detestaria ver um único indiano descuidar, esquecer-se ou envergonhar-se de sua língua materna, ou achar que ela é imprópria para expressar seu pensamento e suas melhores reflexões. Minha religião não é das que fazem da casa uma prisão.

Em nosso país são muitos os homens e as mulheres que se envergonham, na cidade grande, dos costumes de sua terra de origem. Tragicamente, o mundo está perdendo a originalidade de seus povos, a riqueza de suas diferenças, em seu desejo infernal de “clonar” o ser humano para melhor dominá-lo. Quem não ama sua província, seu *paese*, a aldeia, o pequeno lugar, sua própria casa, por mais pobre que seja, mal pode respeitar os outros. Mas, quando tudo é dessacralizado, a existência é assombrada por um amargo sentimento de absurdo. Vem daí um dos motivos pelos quais hoje se tem tanto horror da morte, convertida em tabu. Já quase não há velórios, e chorar num enterro é um gesto impróprio e infreqüente. Quando nos dermos conta, teremos deixado de compartilhar esse misterioso momento em que a alma se retira do corpo, em que este fica tão morto como uma casa quando se retiram para sempre os seres que a habitavam e, acima de tudo, que sofreram e amaram nela. Pois não são as paredes, nem o teto, nem o chão o que individualiza uma casa, e sim as

pessoas que moram nela e lhe dão vida, com suas conversas, suas risadas, com seus amores e ódios; seres que impregnam a casa de algo imaterial mas profundo, como o sorriso num rosto.

Negar a morte, não visitar os cemitérios, não vestir luto, tudo isso parecia uma afirmação da vida, e de fato o foi em certa medida. Mas, paradoxalmente, acabou se transformando numa armadilha, mais uma das muitas que a sociedade moderna fabricou para que o homem não sinta as situações limite, aquelas em que nosso mundo desaba, as únicas capazes de nos despertar desta inércia que nos move. Dizia Donne que ninguém dorme no carro que o leva da masmorra ao patíbulo, mas que todos dormimos no percurso do berço à sepultura; ou não estamos inteiramente acordados.

Nada saberíamos da vida sem a dolorosa consciência daquele mistério final. Assim o entenderam as culturas que identificavam a deusa da fertilidade com a divindade da morte. A Mãe Terra cuidava tanto das sementes como dos mortos, pois estes, como os grãos enterrados, voltariam à vida recobertos de uma nova forma. Na China, com sua tradição milenar, as mulheres eram sepultadas com seus vestidos de noiva.

Essa crença na fecundidade da vida além da morte é universal e se manifesta nos símbolos que, mesmo sem sabermos, estão presentes em nossos ritos fúnebres, como as velas que ardem pelo último aniversário do falecido e as coroas que se lhe oferecem simbolizando seu triunfo, a chegada à meta, assim como se coroam os atletas vitoriosos. Em nossas províncias há belas celebrações, como a da Defunta Correa, essa jovem que parte com seu bebê em busca do marido preso. Ela desfalece e morre na travessia do deserto, mas quando a encontram, as pessoas do lugar afirmam que a criança continuava mamando de seu peito. Algo inconcebível para nós, porém preche de poesia e de simbolismo para os homens daquelas terras que peregrinam ao deserto da província de San Juan para lhe pedir ajuda. Com quanta emoção participamos, em Santiago del Estero, desse

jantar oferecido depois da morte de uma criança! É chamada “a refeição do anjinho” e tem uma ressonância sagrada muito profunda, pela dor de quem perdeu a criança e come entre lágrimas, como numa prece, simbolizando a magnitude de sua esperança. Não por acaso Dostoiévski termina os *Karamazov* com uma cena semelhante.

O calor é insuportável e pesado, a lua, quase cheia, está rodeada de um halo amarelado. Nem uma folha balança: tudo anuncia o temporal. As montanhas parecem iluminadas numa cenografia noturna de teatro; contudo, os jardins ainda estão impregnados de um intenso perfume de jasmims e magnólias.

A religião perdeu sua influência sobre os homens, e algumas décadas atrás os mitos e as religiões pareciam definitivamente superados, com a generalização do ateísmo entre os espíritos avançados. Nos últimos anos, porém, o homem em seu desespero voltou os olhos para as religiões em busca de Alguém que possa apoiá-lo.

Tudo isso, dirão, não passa de lenda, coisas em que se acreditava antigamente. Mas quando o pensamento e a poesia constituíam uma única manifestação do espírito que impregnava desde a magia das palavras rituais até a representação dos destinos humanos, desde as invocações aos deuses até suas preces, o homem podia indagar o cosmos sem romper a harmonia com os deuses. Hoje não temos uma narração, um relato que nos una como povo, como humanidade, e nos permita traçar o rastro da história de que somos responsáveis. O processo de secularização pulverizou os ritos milenares, os relatos cosmogônicos, crenças outrora profundamente arraigadas na humanidade, como o reencontro com os mortos, os poderes curativos do batismo ou do perdão dos pecados.

Mas como podem ser uma falsidade as grandes verdades que revelam o coração do homem por meio de um mito ou de uma obra de arte? Se as desventuras e façanhas daquele cavaleiro maltrapilho de La Mancha ainda

continuam a nos comover, é porque uma coisa tão risível como sua luta contra os moinhos de vento revela uma desesperada verdade da condição humana. A mesma coisa acontece com os sonhos: deles se pode dizer qualquer coisa, menos que sejam mentira. Mas ao supervalorizar o racional, desprezou-se tudo aquilo que a lógica não conseguia explicar. E acaso são explicáveis os grandes valores inerentes à condição humana, como a beleza, a verdade, a solidariedade ou a coragem? O mito, assim como a arte, exprime um tipo de realidade da única forma como ela pode ser expressa. É essencialmente avesso a qualquer tentativa de racionalização, e sua verdade paradoxal desafia todas as categorias da lógica aristotélica ou dialética. Mediante essas profundas manifestações do espírito, o homem toca os fundamentos últimos de sua condição e consegue que o mundo em que vive adquira o sentido do qual carece. Por isso mesmo, todos os filósofos e artistas, sempre que quiseram atingir o absoluto, tiveram de recorrer a alguma modalidade do mito ou da poesia. Jaspers sustentou que os grandes dramaturgos da Antigüidade vertiam em suas obras um saber trágico, que não apenas emocionava os espectadores como também os transformava, e por isso os dramaturgos se tornavam profetas do *ethos* de seu povo. E o próprio Sartre, no esforço de revelar o drama dos franceses sob o domínio nazista, escreve *As moscas*, que, em essência, não é senão uma adaptação do antigo drama de Ésquilo, *Orestes*, aquele herói trágico que luta corajosamente pela liberdade.

O momento de maior empobrecimento de uma cultura é esse em que o mito começa a ser popularmente definido como uma falsidade. Foi o que aconteceu na Grécia clássica. Depois da derrocada dos antigos relatos, Lucrécio conta ter visto “corações aflitos em todos os lares; acoçada por incessantes remorsos, a mente não encontrava alívio e era forçada a se descarregar em recalcitrantes lamentações”. Assim como uma casa cujos alicerces se desmancham, as sociedades começam a desmoronar quando seus mitos perdem a riqueza e o valor.

Esse empobrecimento atrofia capacidades profundas da alma, tão caras à vida humana como os afetos, a imaginação, o instinto, a intuição, para desenvolver ao extremo a inteligência operacional e as capacidades práticas e utilitárias.

Defronte a questões inefáveis, é infrutífero tentar aproximar-se por meio de definições. A incapacidade dos discursos filosóficos, teológicos ou matemáticos para responder a essas grandes interrogações revela que a condição última do homem é transcendente e, por isso, misteriosa, inapreensível.

Quando, em 1945, em *Homens e engrenagens*, eu manifestei esse mesmo ponto de vista, os intelectuais atacaram meu livro com ferocidade e ironia. Mas agora, ante a vulnerabilidade, ou o fracasso, da razão, da política e da ciência, o ser humano oscila no vazio sem achar onde fincar raízes, nem no céu, nem na terra, enquanto é entupido por uma avalanche de informação que não consegue digerir e que não lhe proporciona alimento algum.

“Será possível que, apesar de tantas invenções e avanços, apesar da cultura, da religião e do conhecimento do universo, tenhamos ficado na superfície da vida?” Tristemente, com a nostalgia dos projetos irrealizados, só nos resta responder afirmativamente à pergunta de Rilke, porque a sabedoria é fidelidade à condição humana. O que o homem pôs no lugar de Deus? Não se libertou de cultos nem de altares. O altar continua, não mais como lugar de sacrifício e abnegação, mas do bem-estar, do culto de si mesmo, da reverência aos grandes deuses da tela.

O forte sentimento de orfandade que assola nosso tempo se deve à derrocada dos valores compartilhados e sagrados. Se os valores são relativos e aderimos a eles como ao regulamento de um clube esportivo, como eles poderão nos salvar em face da desgraça ou do infortúnio? É por esse motivo que há tantas pessoas desesperadas ou à beira do suicídio. Por isso a solidão se torna tão terrível e opressiva. Em cidades monstruosas como Buenos

Aires há milhões de seres angustiados. As praças estão cheias de homens solitários e, o que é ainda mais triste, de jovens abatidos que muitas vezes se reúnem para beber ou para se drogar, achando que a vida não tem sentido, até se convencerem, horrorizados, de que não existe nada absoluto. Recordo a solidão do campo, tão diferente! Era essa solidão da planície infinita que dava ao homem uma tendência natural para a religiosidade e para a metafísica. Não por acaso as três grandes religiões do Ocidente nasceram na solidão do deserto, nessa espécie de metáfora do nada em que o infinito se conjuga com a finitude do homem. Nossos modernos modos de pensar cultivam a crença de que aqueles eram povos atrasados, sendo que para eles a verdade era uma descoberta, diante da qual cabia o assombro. Na modernidade, o homem foi buscar a resposta às grandes incógnitas em seus construtos lógicos, pensando com isso situar-se acima daqueles que a esperavam na Providência. Mas hoje o intelecto humano já recebeu tantos golpes que estamos em condições de abrir os olhos para crenças impensáveis alguns anos atrás.

A busca religiosa do homem atual é inconteste. E como diz Jünger: “O mítico virá, sem sombra de dúvida, ele já está a caminho. Ou melhor, sempre esteve aí e, chegada a hora, aflorará como um tesouro”.

Os jovens já começaram a se aproximar das religiões de um jeito novo. Mas não nos enganemos: muitas vezes trata-se de uma coisa superficial, adaptável a qualquer modo de vida, como um cômodo abrigo que nada exige, sem o abismo da fé que a verdadeira religiosidade comporta.

Não digo isso saudoso de um tempo lendário do qual aqueles que o vivemos pudéssemos nos vangloriar. Deve-se reconhecer que muitos desses valores só eram respeitados porque não se vislumbrava outra possibilidade. O conhecimento de outras culturas oferece a perspectiva necessária para olhar o mundo de outro ângulo, para incorporar à vida outras dimensões e outras saídas. A humanidade está caindo numa globalização que não tende a aproximar as culturas, mas a impor a elas um padrão único para melhor

se enquadrar no sistema mundial. Apesar disso, a fé que me possui se baseia na esperança de que o homem, na iminência de um grande salto, volte a encarnar os valores transcendentais, agora escolhendo-os com a liberdade que este tempo lhe dá, providencialmente.

*Sob o sol da Quebrada da Humahuaca,
testemunha silenciosa de lutas e matanças,
o rio Grande serpenteia como mercúrio brilhante.
Exércitos do Inca,
caravanas de cativos,
colunas de conquistadores,
cavalarias patriotas.
Para cima, para baixo...
E depois noites de silêncio mineral,
em que se volta a sentir
não mais que o murmúrio do rio Grande,
impondo-se — lenta mas seguramente —
sobre os sangrentos — mas tão transitórios! —
combates entre os homens.*

Entramos na praça de Salta e nos misturamos com as pessoas que caminharam léguas em seus *misachicos*.⁴ Vê-se que estão cansadas, em sua pobreza, em seu rosto encarquilhado, mas continuam a cantar, confiantes, com seus instrumentos rústicos. Ao lado delas renova-se a candura. Elas é que são o milagre. O milagre é os homens não renunciarem a seus valores quando o salário não basta para alimentar a família; milagre é o amor permanecer e os rios ainda correrem depois de derrubarmos as florestas da terra.

¹ "Você vê a Bíblia chorar junto a um aquecedor"; verso do tango "Cambalache", de Enrique Santos Discépolo. (N. T.)

² Martín Miguel de Güemes (1785-1821): prócer militar saltenho que se notabilizou nas guerras da independência argentina. (N. T.)

³ Anel terminado em pino que é encaixado num pomo de madeira e manipulado por um adulto à beira do carrossel em movimento, enquanto as crianças a bordo do brinquedo são desafiadas a apanhá-lo ao passar, tendo como prêmio uma volta de graça. (N. T.)

⁴ *Misachico*: romaria familiar típica do noroeste argentino. (N. T.)

TERCEIRA CARTA

Entre o bem e o mal

O humano do homem é dar a vida por outro homem.

E. Levinas

Hoje pela manhã eu dava como certo que teríamos sudestada,¹ mas me enganei. O temporal permaneceu em suspenso, estático. O cinza foi se atenuando, e de tardezinha já não se via mais nenhum traço plúmbeo no céu. Esse erro simples e inofensivo me levou, imperceptivelmente, a pensar nos grandes equívocos que cometemos na vida. E daí, através de um vasto território de sonhos e lembranças, minha alma chegou até a imagem de minha mãe naquela tarde, quando fui visitá-la em La Plata e a encontrei de costas, sentada à grande mesa vazia da sala de jantar, fitando o nada, isto é, suas próprias memórias, no escuro das persianas fechadas, na única companhia do tique-taque do velho relógio de parede. Certamente rememorando aquele tempo feliz em que todos estávamos em volta da enorme mesa Chippendale e dos grandes aparadores e trinchantes de outros tempos, com o pai numa cabeceira e ela na outra; quando meu irmão Pepe repetia suas histórias, as inocentes mentiras daquele folclore familiar.

Os olhos de minha mãe se encheram de lágrimas ao me ver, e algo em mim repetiu aquela sentença de que a vida é um sonho. Eu a observara em silêncio. Que é que eu podia fazer, quando ela estaria vendo em retrospecto noventa anos de fantasmagorias? Depois, como a pequenos goles, ela se pôs a contar histórias de Rojas e de sua família albanesa, até que chegou a hora de minha partida. Era necessário partir? Os olhos de minha mãe voltaram a

se enevoar. Mas ela era estóica, vinha de uma família de guerreiros, embora não gostasse disso, embora o negasse.

Ainda a recordo parada na porta, acenando levemente com a mão direita, não com muita veemência, não fosse me preocupar, essas coisas. Na rua 3, as árvores começavam a impor seu mudo enigma do entardecer. Ela ainda virou a cabeça mais uma vez. Com a mão, timidamente, repetiu o gesto. Depois ficou só.

Tão desesperadas eram as minhas buscas que então não pude perceber que essa era a última vez que eu veria minha mãe com saúde, de pé, e que essa dor duraria para sempre, como agora, nesta noite em que a recordo entre lágrimas.

Entre o que desejamos viver e a pífia agitação em que transcorre a maior parte da vida, abre-se uma cunha na alma que separa o homem da felicidade como o exilado de sua terra. Porque naquele instante, enquanto minha mãe ficava lá parada, imóvel, não podendo reter seu filho e não querendo fazê-lo, eu, surdo a seu mínimo apelo, já corria atrás de minhas febris utopias, pensando assim cumprir com minha vocação mais profunda. E, embora nem a ciência, nem o surrealismo, nem meu compromisso com o movimento revolucionário tenham satisfeito minha sôfrega sede de absoluto, orgulho-me de ter vivido entregue àquilo que me apaixonou. Nesse trânsito, impuro e contraditório como todo atributo do movimento humano, fui salvo por um senso intuitivo da vida e por uma decisão desenfreada diante do que eu considerava verdadeiro. A existência me parecia, assim como ao personagem de *A náusea*, um insensato, gigantesco e gelatinoso labirinto; e, assim como ele, senti o anseio de uma ordem pura, de uma estrutura de aço polido, nítido e forte. Quanto mais eu era acochado pelas sombras do mundo noturno, mais me aferrava ao universo platônico, pois quanto maior é o tumulto interior, mais inclinados nos sentimos a nos refugiar em alguma ordem. Assim, nossas buscas, nossos projetos ou trabalhos nos privam de ver os rostos que mais tarde se

revelarão os verdadeiros mensageiros daquilo que procurávamos, e, ao mesmo tempo, as pessoas que devíamos ter acompanhado ou protegido.

É tão pouco o tempo que dedicamos aos velhos! Agora que eu também sou um deles, quantas vezes, na solidão das horas que inevitavelmente acompanham a velhice, lembro compungido aquele seu último aceno e observo com tristeza o desamparo que os anos trazem, o abandono a que os homens de nosso tempo relegam os idosos, os pais, os avós, essas pessoas às quais devemos a vida. Nossa “avançada” sociedade deixa de lado quem não produz. Meu Deus, abandonados a sua solidão e a suas rumações! Quanto de respeito e gratidão perdemos! Que imensa devastação os tempos causaram à vida, que tremendos abismos se abriram com os anos, quantas ilusões foram assoladas pelo frio e pelas tormentas, pelo desengano e pela morte de tantos projetos e seres que amávamos!

Toda vez que a dor me atingia, eu buscava uma ascensão, um refúgio na alta montanha, porque essa montanha era invulnerável; toda vez que a podridão chegava ao nível do insuportável, porque essa montanha era limpa; toda vez que a fugacidade do tempo me atormentava, porque naquelas alturas reinava a eternidade. Mas por fim o rumor humano sempre me alcançava, infiltrava-se pelos interstícios e subia por dentro de mim. Porque o mundo não está apenas fora de nós, mas também no mais recôndito de nosso coração. E cedo ou tarde aquela alta montanha incorruptível acaba por nos parecer um triste simulacro, uma fuga, porque o mundo de que somos responsáveis é este aqui: o único que nos fere com a dor e o infortúnio, mas também o único que nos dá a plenitude da existência, este sangue, este fogo, este amor, esta espera da morte. O único que nos oferece um jardim no crepúsculo, o contato da mão que amamos.

Enquanto escrevo a vocês, volta a imagem de minha mãe que deixei tão sozinha em seus últimos anos. Tempos atrás escrevi que a vida é feita em rascunho, o que sem dúvida lhe dá transcendência, mas nos impede,

dolorosamente, reparar nossos erros e abandonos. Nada do que foi volta a ser, e as coisas, os homens e as crianças não são o que foram um dia. Que horror e que tristeza, o olhar da criança que perdemos!

*Olha! As palavras inocentes por fim me remoçaram
e como em outro tempo as lágrimas brotam de meus olhos.
E recordo os dias há muito passados
e a terra nativa volta a alegrar minha alma solitária
e a casa em que um dia cresci com tuas bênçãos,
onde, alimentado com amor, logo o menino cresceu.
Ah, quantas vezes pensei que eu te reconfortaria
Quando via a mim mesmo pelejando ao longe sobre o vasto mundo.
Muito tentei e sonhei, e chaguei meu peito
à força de lutar, mas me fareis sarar,
queridos meus! E aprenderei a viver como tu, Mãe, por muito tempo;
é piedosa e tranqüila a velhice.
Irei a ti: abençoa teu neto agora, mais uma vez,
Que, assim, o homem mantenha o que prometeu em criança.*

Hölderlin

No desespero de ver o mundo, eu já quis até parar o tempo da infância. Sim, ao vê-las aglomeradas numa esquina, nessas conversas herméticas que para os adultos não têm nenhuma importância, senti a necessidade de deter o curso do tempo. Deixar essas crianças para sempre lá, naquela calçada, naquele universo encantado. Não permitir que as sujeiras do mundo adulto as machuquem, as derrubem. A idéia é terrível, seria como matar a vida, mas muitas vezes me perguntei o quanto a educação contribui para adular a alma das crianças. É verdade que a natureza humana vai transformando os traços, as emoções, a personalidade. Mas é a cultura que dá forma à visão que elas vão tendo do mundo.

É urgente encararmos uma educação diferente, ensinarmos que vivemos numa terra da qual devemos cuidar, que dependemos da água, do ar, das

árvores, dos pássaros e de todos os seres vivos, e que qualquer dano que causemos a este universo grandioso prejudicará a vida futura e pode até destruí-la. Que coisa ótima poderia ser o ensino, se, em vez de despejar uma imensidão de informações que ninguém nunca conseguiu reter, fosse vinculado à luta das espécies, à necessidade urgente de preservar os mares e oceanos!

É preciso advertir as crianças do risco planetário e das atrocidades que as guerras sempre perpetraram nos povos. É importante que elas se sintam parte de uma história ao longo da qual os seres humanos fizeram grandes esforços e também cometeram tremendos enganos. A busca de uma vida mais humana deve começar pela educação. Por isso é tão grave as crianças passarem horas idiotizadas em frente à televisão, assimilando todo tipo de violência, ou se dedicando a esses jogos que premiam a destruição. A criança pode aprender a valorizar o que é bom, e não cair no que é induzido pelo ambiente e pelos meios de comunicação. Não podemos continuar lendo para as crianças historinhas de galinhas e pintinhos quando essas aves são submetidas aos piores suplícios. Não podemos enganá-las ocultando a irracionalidade do consumo, a injustiça social, a miséria evitável e a violência existente nas cidades e entre as diferentes culturas. Com uma mínima explicação, as crianças poderão entender que o mundo está ameaçado por um grave pecado de dilapidação.

Gandhi conclama à formação espiritual, à educação do coração, ao despertar da alma. Nesse sentido, é crucial entendermos que a primeira marca que a escola e a televisão imprimem na alma da criança é a competição, a superação dos colegas e o mais veemente individualismo, ser o primeiro, o vencedor. Acredito que a educação que damos aos filhos multiplica o mal porque o ensina como bem: a pedra angular de nossa educação assenta-se sobre o individualismo e a competição. Para as crianças, é uma fonte de grande confusão receberem ensinamentos de cristianismo e de competição, de individualismo e de bem comum, ouvirem longos sermões sobre solidariedade que são contrariados pela desenfreada

busca do sucesso pessoal para a qual são adestradas. Necessitamos de escolas que favoreçam o equilíbrio entre a iniciativa individual e o trabalho em equipe, que condenem o feroz individualismo que parece ser a preparação para o sombrio Leviatã de Hobbes, quando diz que o homem é lobo do homem.

Temos de reaprender o que é satisfação. Estamos tão desorientados, que achamos que satisfazer-se é ir às compras. Um luxo verdadeiro é um encontro humano, um momento de silêncio diante da criação, fruir de uma obra de arte ou de um trabalho bem-feito. Satisfações verdadeiras são aquelas que embargam a alma de gratidão e nos predispõem ao amor. A sabedoria que meus muitos anos de vida me trouxeram e a proximidade da morte me ensinaram a reconhecer a maior das alegrias que podemos ter na vida, embora ela não seja possível quando a humanidade passa fome e tem de suportar os mais atrozes sofrimentos.

A educação não está desligada do poder e, portanto, dirige sua tarefa à formação de pessoas adequadas às demandas do sistema. Em certo sentido, isso é inevitável, pois do contrário ela formaria magníficos “desempregados”, magníficos homens e mulheres “excluídos” do mundo do trabalho. Mas, se isso não for contrabalançado com uma educação que mostre o que está acontecendo e, ao mesmo tempo, promova o desenvolvimento das faculdades em deterioração, então o que se perderá será o próprio ser humano. E só alguns privilegiados poderão comer, ter uma casa e um mínimo de possibilidades econômicas e, ao mesmo tempo, serem pessoas espiritualmente cultivadas e valiosas. Será difícil achar um modo de os homens terem acesso a bons trabalhos e a uma vida em que caiba a possibilidade de criar ou realizar atividades próprias do espírito.

A história sempre traz novidades. O homem, ofuscado pelo presente, quase nunca consegue prever o que está para acontecer. Quando atina a enxergar um futuro diferente, é como agravamento da situação atual ou

como surgimento de seu contrário, sendo que as mudanças costumam se apresentar em fatos irreconhecíveis em seu momento, ou, pelo menos, não avaliados em sua real dimensão. Hoje, com a proximidade do momento supremo, intuo que a humanidade está a um passo de um novo tempo espiritualmente muito rico, se entendermos que cada um de nós possui mais poder do que pensa sobre o mal no mundo. E tomarmos uma decisão.

Lentamente ia nascendo um novo dia na cidade de Buenos Aires, um dia como outro qualquer entre os inumeráveis que nasceram desde que o mundo é mundo. Da janela, Martín viu um menino correndo com os jornais da manhã, talvez para se aquecer, talvez porque esse trabalho exige movimento. Um cão vadio, não muito diferente de Bonito, revirava uma lata de lixo. Uma moça como Hortensia ia para o trabalho.

Como era mesmo que o Bruno tinha dito? A guerra pode ser absurda ou errada, mas o pelotão a que a gente pertence é um fato absoluto.

Aí estava D'Arcangelo, por exemplo. Aí estava a própria Hortensia.

Um cachorro basta.

O homem, a alma do homem, está suspensa entre o anseio do bem, essa eterna saudade do amor que carregamos, e a inclinação para o mal, que nos seduz e nos possui, muitas vezes sem que nós mesmos percebamos o sofrimento que nossos atos podem causar aos outros. O poder do mal no mundo me levou, durante anos, a sustentar um tipo de maniqueísmo: se Deus existe e é imensamente bondoso e onipotente, ele está de mãos atadas, porque não se percebe sua presença; o mal, ao contrário, é de uma evidência que dispensa demonstração. Bastam alguns exemplos: Hitler, as torturas cometidas na América Latina. Diante de fatos como esses, eu penso, repetidas vezes, no quanto os animais são melhores do que nós! Por outro lado, como é grandiosa e comovente a presença da bondade em meio à ferocidade e à violência.

A bondade e a maldade são para nós inapreensíveis, porque ocorrem em nosso próprio coração. São, sem dúvida, o grande mistério. Essa trágica dualidade se reflete no rosto do homem, onde, lenta mas inexoravelmente,

vão deixando seu rastro os sentimentos e as paixões, os afetos e os rancores, a fé, a ilusão e os desencantos, as mortes que vivemos ou pressentimos, os outonos que nos entristeceram ou desalentaram, os amores que nos enfeitiçaram, os fantasmas que, em sonhos ou ficções, nos visitam ou perseguem. Nos olhos que choram de dor ou que se fecham de sono, mas também por pudor ou astúcia, nos lábios que se apertam por obstinação mas também por crueldade, nas sobrancelhas que se contraem por inquietação ou estranhamento ou que se arqueiam na interrogação e na dúvida, nas veias que saltam de raiva ou sensualidade, enfim, vai-se delineando a móvel geografia que a alma acaba construindo sobre a sutil e maleável pele do rosto. Revelando-se assim, conforme a fatalidade que lhe é própria, por meio dessa matéria que é ao mesmo tempo sua prisão e sua grande possibilidade de existência.

A arte foi o porto definitivo onde preenchi meus anseios de navio sedento e à deriva. Cheguei a ela quando a tristeza e o pessimismo já haviam roído meu espírito de tal maneira que, como um estigma, ficaram para sempre entrelaçados à trama da minha existência. Mas devo reconhecer que foi justamente o desencontro, a ambigüidade, esta melancolia ante o efêmero e o precário, a origem da literatura em minha vida.

Nos tratados, o escritor deve ser coerente e unívoco, e por isso o ser humano escapa de suas mãos. No romance, o personagem é ambíguo como na vida real, e a realidade que aparece numa grande obra de ficção é realmente representativa. Qual é a verdadeira Rússia? A do piedoso, sofredor e compreensivo Aliosha Karamazov ou a do canalha do Svidrigailov? Nem uma, nem outra. Ou, melhor dizendo, uma e outra. O romancista é todos e cada um dos seus personagens, com a totalidade das contradições que essa multidão comporta. É ao mesmo tempo, ou em diferentes momentos de sua existência, piedoso e cruel, generoso e

mesquinho, austero e libidinoso. E quanto mais complexo é um indivíduo, mais contraditório ele é. A mesma coisa ocorre com os povos.

Não por acaso o desenvolvimento do romance coincide com o desenvolvimento dos tempos modernos. Onde as Fúrias poderiam buscar refúgio? Quando uma cultura as reprime, elas explodem, e o estrago é muito maior. Fala-se muito no Homem Novo, com maiúsculas. Mas não poderemos criar esse homem se não o reintegrarmos. Ele está desintegrado por esta civilização racionalista e mecânica de plásticos e computadores. As grandes culturas, assim como a arte, sabem atentar para as forças escuras, por mais vergonha ou nojo que se tenha delas.

“Persona” quer dizer máscara, e cada pessoa tem muitas. Existe realmente uma que possa verdadeiramente expressar a complexa, ambígua e contraditória condição humana? Lembro-me de uma reflexão de Bruno: é sempre terrível ver um homem que se julga segura e absolutamente só, pois nele existe algo de trágico, talvez até de sagrado, e ao mesmo tempo de horrendo e vergonhoso. Sempre usamos uma máscara, dizia Bruno, que nunca é a mesma, mas é trocada para cada um dos papéis que nos cabem na vida: a do professor, a do amante, a do intelectual, a do herói, a do irmão carinhoso. Mas que máscara colocamos, ou que máscara nos resta, quando estamos na solidão, quando achamos que ninguém, ninguém mesmo, nos observa, controla, escuta, exige, suplica, intima ou ataca? Quem sabe o caráter sagrado desse instante se deva a que o homem está, então, defronte à divindade, ou pelo menos defronte a sua própria e implacável consciência.

Quantas lágrimas há por trás das máscaras! Quanto mais perto o homem estaria do encontro com outro homem se nos aproximássemos uns dos outros nos assumindo como necessitados que somos, em vez de nos fingirmos de fortes! Se parássemos de nos mostrar auto-suficientes e nos atrevêssemos a reconhecer a grande necessidade que temos do outro para

continuar vivendo, como mortos de sede que somos na verdade, quanto mal poderia ser evitado!

Vem à minha memória aquele relato de Saint Exupéry de quando fez um pouso forçado no deserto, e ele e seu mecânico passaram três dias sem água para beber. Até o orvalho sobre a fuselagem do avião eles lambiam ao amanhecer. Quando o delírio já começava a possuí-los, um beduíno sobre um camelo, de uma duna distante, fixou o olhar sobre eles. O nômade avançou sobre a areia, conta Exupéry, como um deus sobre o mar.

O árabe simplesmente olhou para nós. Ele pôs as mãos em nossos ombros, e obedecemos. Deitamos. Aqui não há raças, nem línguas, nem diferenças. Há esse nômade pobre que pousou mãos de arcanjo sobre nossos ombros.

Depois de fazer uma inesquecível descrição da água, ele diz:

Quanto a você que nos salva, beduíno da Líbia, sumirá para sempre da minha memória. Jamais recordarei seu rosto. Você é o Homem e surgirá a meus olhos com o rosto de todos os homens a um só tempo. Você nunca nos examinou, mas logo nos reconheceu. Você é o irmão bem-amado. Eu, por meu turno, reconhecerei você em todos os homens.

Você me aparecerá banhado de nobreza e de benevolência, grande Senhor que tem o poder de dar de beber. Todos os meus amigos, todos os meus inimigos em você avançam em minha direção, e já não tenho um único inimigo no mundo.

Os tempos modernos foram séculos marcados pelo menosprezo dos essenciais atributos e valores do inconsciente. Os filósofos da Ilustração expulsaram a inconsciência. Mas ela entrou de volta pela janela. Dos gregos ao menos se sabe que suas deusas da noite não podiam ser desprezadas, muito menos banidas, porque elas se desforravam com fatídicas vinganças.

Os seres humanos oscilam entre a santidade e o pecado, entre a carne e o espírito, entre o bem e o mal. E o grave, o estúpido é que desde Sócrates se quis proscrever seu lado escuro. Essas potências são invencíveis. E quando se quis destruí-las, elas se esconderam e por fim se rebelaram com maior violência e perversidade.

É preciso reconhecê-las, mas também lutar incansavelmente pelo bem. As grandes religiões não apenas preconizam o bem, também ordenam praticá-lo, o que prova a constante presença do mal. A vida é um tremendo equilíbrio entre o anjo e a besta. Não podemos nem devemos falar do homem como se fosse um anjo. Tampouco como se fosse uma besta, porque o homem é capaz das piores atrocidades, mas também dos maiores e mais puros heroísmos.

Inclino-me com reverência diante daqueles que se deixaram matar sem revidar o golpe. Eu quis mostrar essa bondade suprema do homem em personagens simples como Hortensia Paz ou o sargento Sosa. Como já disse, o ser humano não poderia sobreviver sem heróis, santos e mártires, porque o amor, assim como o verdadeiro ato de criação, é sempre a vitória sobre o mal.

¹ Forte vento invernal que sopra do sudeste contra as costas do rio da Prata, geralmente acompanhado de chuvas persistentes. (N. T.)

QUARTA CARTA

Os valores comunitários

Cada um de nós é culpado perante todos, por todos e por tudo.

F. Dostoiévski

Quero lhes falar de Buenos Aires. Embora não more nela, coisa que aliás seria insuportável, eu a reconheço como minha cidade, e por isso mesmo é que sofro por ela. De certo modo, ela representa o que é a vida desses conglomerados onde vivem, ou sobrevivem, milhões de habitantes. Mas antes insistirei sobre o atual estado de coisas, que é do conhecimento de todos, na esperança de que pela repetição, como a gota de água ou o martelo contra a porta fechada, um dia vejamos a situação se reverter. Na verdade, isso talvez já esteja acontecendo: a luz já se infiltra entre as frestas da velha civilização.

Estamos assistindo a uma total falência da cultura ocidental. O mundo range e ameaça desabar, este mundo que, para maior ironia, é resultado da vontade do homem, do seu prometéico esforço de dominação. Guerras que conjugam a tradicional ferocidade à mais desumana mecanização, ditaduras totalitárias, alienação, destruição catastrófica da natureza, neurose coletiva e histeria generalizada, tudo isso enfim abriu nossos olhos para revelar o monstro que orgulhosamente engendramos e alimentamos. Aquela ciência que prometia a solução de todos os problemas físicos e metafísicos do homem contribuiu para facilitar a concentração de Estados gigantescos, para multiplicar a destruição e a morte com seus cogumelos atômicos e suas nuvens apocalípticas.

A cada hora o poder do mundo se concentra e se globaliza. Vinte ou trinta empresas, como um selvagem animal totalitário, hoje o têm em suas garras. Continentes mergulhados na miséria junto a altos níveis tecnológicos, assombrosas possibilidades de vida a par de milhões de homens sem emprego, sem casa, sem assistência médica, sem educação. A massificação causou grandes estragos, já é difícil encontrar originalidade nas pessoas, e um processo idêntico se realiza nos povos, pela chamada globalização. Que horror! Não percebemos que a perda dos traços diferenciais vai nos tornando aptos para a clonagem? As pessoas evitam tomar decisões no sentido de humanizar a própria vida por medo de perderem o emprego, de serem excluídas e virem a engrossar essas multidões que correm aflitas atrás de um trabalho que as impeça de cair na miséria, que as salve. A absoluta assimetria no acesso aos bens produzidos socialmente está acabando com a classe média, e o sofrimento de milhões de seres humanos que vivem na miséria salta aos olhos de todos nós, por mais que nos empenhemos em fechá-los. Não demora, será impossível estudar ou assistir a um concerto com algum prazer, pois serão mais prementes os questionamentos que a vida nos imporá em relação aos nossos valores supremos. Pela responsabilidade de sermos homens.

Esta crise não é a crise do sistema capitalista, como muitos imaginam: é a crise de toda uma concepção do mundo e da vida baseada na idolatria da técnica e na exploração do homem. Para acumular dinheiro, todos os meios foram válidos. Essa busca da riqueza não foi levada adiante em benefício de todos, como país, como comunidade; não se trabalhou com um sentimento histórico e de fidelidade à terra. Não, infelizmente isto mais parece o atropelo que se segue a um terremoto, quando, em meio ao caos, cada um tenta saquear tudo o que pode. É inegável que esta sociedade cresceu tendo como meta a conquista, em que ter poder significa apropriar-se do alheio, e a exploração se estendeu a todas as regiões do mundo.

A economia reinante assegura que a superpopulação mundial não pode ser assimilada pela sociedade atual. Essa frase me dá calafrios: basta para os poderes maléficos justificarem a guerra. As guerras sempre contaram com o apoio de grandes setores da população que, de um jeito ou de outro, se beneficiaram dela. Como sentinela, todo homem deve permanecer alerta. Isso nunca pode acontecer. O “salve-se quem puder” não é apenas imoral, mas insuficiente.

As crenças e o pensamento, os recursos e as invenções foram postos a serviço da conquista. Colonialismos e impérios de todos os tipos, por meio de lutas sangrentas, pulverizaram tradições inteiras e profanaram valores milenares, primeiro coisificando a natureza, depois os próprios desejos dos seres humanos.

Contudo, misteriosamente, é no desejo que se está gerando uma mudança. É algo que sinto nos homens que me abordam na rua e espero das juventudes do mundo. Mas é na mulher que se encontra o desejo de proteger a vida, absolutamente.

A degradação dos tribunais e a descrença na justiça provocam a sensação de que a democracia é um sistema incapaz de investigar e condenar os culpados, como se fosse um caldo de cultivo favorável à corrupção, quando, na realidade, em nenhum outro sistema é possível denunciá-la. Não que nos outros não exista; ao contrário, ela é até mais profunda e degradante, a crermos no famoso aforismo de lorde Acton: “O poder corrompe, mas o poder absoluto corrompe absolutamente”.

Devemos exigir que os governos dirijam todas suas energias para que o poder adquira a forma da solidariedade, para que promova e estimule os atos livres, pondo-se a serviço do bem comum, nunca entendido como uma soma de egoísmos individuais, mas como o supremo bem de uma comunidade. Devemos fazer surgir, até com veemência, um modo de conviver e de pensar que respeite até as mais profundas diferenças. Como tão belamente definiu María Zambrano, a democracia é a sociedade em

que é não apenas possível, mas imprescindível, sermos pessoas. Embora frágil e falível, até hoje nenhum outro sistema provou dar ao homem mais justiça social e liberdade do que a precária democracia em que vivemos. A democracia, mais do que permitir a diversidade, deveria estimulá-la e exigí-la. Ela necessita da presença ativa dos cidadãos para existir, pois do contrário é massificadora e gera indiferença e conformismo. Vem daí a esclerose de que muitas democracias padecem.

Não se pode identificar, sem mais, democracia com liberdade. Nela muitos não apenas deixam de buscar a liberdade como chegam a temê-la. Se compararmos a liberdade de hoje com a que havia poucas décadas atrás, comprovamos dolorosamente que a liberdade está em retrocesso. Milhões de homens no mundo, e também em nosso riquíssimo país, estão condenados a trabalhar durante dez ou doze horas e viver miseravelmente amontoados. Os servos da gleba não diferem muito deles. Isso aumenta a responsabilidade daqueles que podemos viver em liberdade, pois, como disse Camus, “a liberdade não é feita de privilégios, mas sobretudo de deveres”.

Como homens livres num campo de prisioneiros, nossa missão é trabalhar em benefício deles, de todas as formas a nosso alcance. “A verdadeira liberdade não resultará da tomada do poder por alguns, e sim do poder que um dia todos terão de se opor aos abusos da autoridade. A liberdade pessoal inculcará nas multidões a convicção de que elas podem controlar o exercício da autoridade e fazer-se respeitar”, afirmou Gandhi, esse homem que lutou até a morte pela liberdade de seu país milenar. Gandhi era um convicto de que o homem não poderá conquistar a liberdade exterior enquanto não souber desenvolver a liberdade interior.

Essa é uma grande tarefa para quem trabalha no rádio, na televisão ou escreve nos jornais; uma verdadeira proeza, possível de realizar quando é autêntica a dor que sentimos pelo sofrimento alheio.

Tenho constatado com muita freqüência que tudo é passível de opinião, e alguém que entrou em cena anteontem pode falar tanto quanto outro com uma longa trajetória comprovada na vida do país. E a opinião emitida por aquele é dada como classificatória, sem necessidade de demonstração. A chamada opinião pública é a soma do que se passa pela cabeça daqueles que, nesses minutos, casualmente cruzam uma esquina escolhida, conformando o mínimo universo de uma pesquisa que, no entanto, será alardeada nas manchetes dos jornais e nos programas de televisão. As perguntas que se costumam fazer são de uma estupidez que causaria a fúria de Sócrates, que lhes atribuiu o papel do que ajuda a dar à luz. Tudo passa e todas as perspectivas são válidas. Dá na mesma dom Chicho¹ que Napoleão, Cristo que o Rei de Paus. Não se pensa no futuro, tudo é conjuntural.

Outra conseqüência desse estado de coisas é a supervalorização da diversão. Os programas “divertidos” têm mais audiência — e a audiência é o juiz supremo —, não importa à custa de que valores nem quem os financia. São esses programas em que divertir-se é degradar, onde tudo se banaliza. Como se, tendo perdido a capacidade para a grandeza, nos contentássemos com uma comédia rasteira. Esse desespero pela diversão cheira a decadência.

Quem age desse modo revela uma postura verdadeiramente cética, em que não cabe a indignação, pois se descrê de toda conquista que possa melhorar a vida. Se existe algo de apocalíptico, é esse viver como se o mundo não fosse existir amanhã e só nos restasse disfarçar a tragédia.

Nossa civilização adotou um tipo de bem-estar como o “dever ser” da vida, fora do qual não há salvação. Esse objetivo é alcançado graças ao medo e à incapacidade que hoje os homens têm de viver os momentos duros, as situações limite, os obstáculos. Tem-se particular horror ao fracasso. Oculta-se qualquer arranhão no bem-estar, temendo-se ficar excluído, eliminado da existência como um time de futebol de um

campeonato. Tamanha é a dificuldade que o homem atual tem de superar as tormentas da vida, de recriar a existência depois das quedas.

Saíam do metrô às centenas, tropeçavam, desciam dos ônibus lotados, entravam no inferno da estação Retiro, onde voltavam para subir nos trens. Ano novo, milênio novo, pensava o rapaz com piedosa ironia, vendo aqueles desesperados em busca de uma esperança propiciada com panetone e sidra, com sirenes e gritos.

Ontem recebi a carta de um rapaz, que nela me diz “tenho medo do mundo”. Dentro do mesmo envelope, mandou-se uma fotografia, e nela pude perceber algo, em seu jeito de olhar, em suas costas encurvadas, que revelava uma enorme desproporção entre seus recursos e a terrível realidade que o perturba. Sempre houve ricos e pobres, salões de dança e masmorras, mortos de fome e faustosos banquetes. Mas, neste século, o niilismo se difundiu de tal maneira que a transmissão de valores às novas gerações vai se tornando impossível.

Ainda assim, talvez sejam as crianças que venham nos salvar. Pois como poderemos criá-las falando nos grandes valores que justificam a vida, quando diante delas há milhares de homens e mulheres afundando na miséria, sem remédios nem um teto onde se refugiar? Ou quando elas vêem populações inteiras sendo arrasadas por enchentes que poderiam ser evitadas.

Vocês acham que é possível continuarmos a assistir pela televisão ao horror que sofrem os pobres a par da frivolidade acintosa e corrupta, tudo misturado como no mais sórdido bricabraque? E em meio a esse espetáculo ter filhos que sejam homens de verdade? A falta de gestos humanos gera uma violência que não podemos combater com armas, que só mais fraternidade entre os homens poderá sanar.

Milhares de homens perdem a vida trabalhando — quando podem —, acumulando amarguras e desilusões, mal conseguindo sustentar-se por mais um dia na mais precária situação, ao passo que quase todo indivíduo que chega a um cargo de poder em poucos meses troca seu modesto

apartamentinho por uma luxuosa mansão com fabulosos automóveis na garagem. Como é que essa gente não tem vergonha?

Se cruzarmos os braços, seremos cúmplices de um sistema que legitima a morte silenciosa. Os homens precisam que nossa voz se some a seus reclamos. Detesto a resignação apregoada pelos conformistas, pois o sacrifício não é o deles, nem o de sua família. Tenho pensado com horror na possibilidade de que, como as virulentas doenças dos séculos passados, a impunidade e a corrupção venham a se instalar na sociedade como parte de uma realidade à qual devemos nos habituar. Como foi que chegamos a essa degradação dos valores na vida social? Quando crianças, aprendemos o comportamento observando homens que simplesmente cumpriam com seu dever — uma expressão hoje em desuso — esperando receber uma recompensa digna por seu trabalho, mas que nunca aceitariam um suborno. Eram pessoas com dignidade: não poriam no bolso nada que não lhes correspondesse nem aceitariam subornos ou baixezas semelhantes.

Lembro que meu pai perdeu seu moinho de farinha por causa de uma dívida que ele havia feito de palavra. Claro que para ele essa perda foi imensamente dolorosa. Mas teria sido indigno de um verdadeiro homem fugir a sua responsabilidade; esse sentimento de honra lhe dava forças e paz para viver. E que dizer, então, dos sindicatos, do que eles foram no passado? Recordo quase com candura o caso daquele homem que desmaiou na rua e, quando o reanimaram, aqueles que o socorreram lhe perguntaram por que não tinha comprado alguma coisa para comer com o dinheiro que levava no bolso, ao que aquele ser humano maravilhoso respondeu que o dinheiro pertencia ao sindicato. Não que naquela época não existisse corrupção, mas havia um senso de honra que as pessoas eram capazes de defender com sua própria conduta. E roubar os cofres da nação, que devem reverter no bem comum, era uma das piores baixezas. Como continua sendo.

Quem fica com os salários dos professores, rouba a previdência ou embolsa o dinheiro das licitações não merece mais que o nosso desprezo.

Não devemos ser auxiliares da corrupção. Não se pode levar à televisão sujeitos que contribuíram para a miséria de seus semelhantes e tratá-los como senhores diante das crianças. Essa é a grande obscenidade! Como poderemos educar os mais novos quando nessa confusão não se sabe mais se a pessoa é conhecida por ser herói ou criminoso? Alguém dirá que estou exagerando, mas por acaso não é crime apossar-se do pouco que cabe a milhões de pessoas que vivem na pobreza? Quantos escândalos presenciamos, e tudo continua igual, sem que ninguém — com dinheiro — seja preso? Todos sabem que a mentira é geral, mas ela parece tão poderosa que nada é capaz de detê-la. Isso faz que as pessoas se sintam impotentes e acaba produzindo violência. Onde vamos parar?

Também não é possível vivermos em comunidade quando todos os vínculos se baseiam na competição. É inegável que ela faz aumentar o rendimento de certas pessoas, que se sentem incentivadas pelo desejo de triunfar sobre as outras. Mas não podemos nos enganar, a competição é uma guerra não armada, e como toda guerra se baseia num individualismo que nos separa dos demais, que se tornam os rivais a combater. Se tivéssemos mais senso de comunidade, nossa história seria bem outra, e assim também o sentido da vida que desfrutaríamos.

Quando critico a competição, não o faço apenas por um princípio ético, mas também pela enorme satisfação de compartilhar o destino, o que nos salva de ficarmos esterilizados pela corrida para o êxito individual a que se tem resumido a vida do homem.

Semanas depois, outra tarde, quando me sentei para responder à carta daquele rapaz, lembrei-me de que, quando era moço, eu escrevia sempre que me sentia infeliz, sozinho ou desajustado com o mundo em que me coube nascer. E penso se não será sempre assim, se a arte não nascerá invariavelmente de nosso desajuste, de nossa ansiedade e nosso descontentamento. Uma espécie de gesto de reconciliação com o universo tentado por esta raça de frágeis, inquietas e ansiosas criaturas que somos os

seres humanos. Os animais não necessitam de nada disso: basta-lhes viver. Porque sua existência flui em harmonia com as necessidades atávicas. Para o pássaro bastam algumas sementinhas ou minhocas, uma árvore onde construir seu ninho, grandes espaços para voar; e sua vida transcorre desde o nascimento até a morte num venturoso ritmo que nunca é dilacerado pelo desespero metafísico nem pela loucura. Ao passo que o homem, ao se levantar sobre as patas traseiras e transformar em machado a primeira pedra lascada, instituiu as bases de sua grandeza mas também as origens de sua angústia; pois com suas mãos e com os instrumentos feitos com suas mãos ele viria a erigir essa construção tão poderosa e estranha chamada cultura, iniciando assim seu grande drama: deixará de ser um simples animal, mas nunca chegará a ser o deus que seu espírito sugere. Será esse ser dual e desgraçado que se move e vive entre a terra dos animais e o céu de seus deuses, que terá perdido o paraíso terrestre de sua inocência sem ganhar o paraíso de sua redenção.

Quantas vezes aconselhei àqueles que, em sua angústia e seu desalento, me procuram pedindo orientação que se dediquem à arte e se deixem tomar pelas forças invisíveis que operam em nós. Toda criança é um artista que canta, dança, pinta, conta histórias e constrói castelos. Os grandes artistas são pessoas estranhas que conseguiram preservar no fundo da alma essa ingenuidade sagrada da infância e dos homens que chamamos primitivos, e por isso provocam o riso dos imbecis. Em diferentes graus, a capacidade criativa pertence a todos os homens, não necessariamente como uma atividade superior ou exclusiva. Quanto temos a aprender com os povos antigos, em que todos, para além das desgraças ou dos infortúnios, se reuniam para dançar e cantar! A arte é um dom que repara a alma dos fracassos e desgostos. Ela nos anima a cumprir a utopia a que somos destinados.

A arte de cada época resume uma visão de mundo, a visão de mundo dos homens desse tempo, e especialmente seu conceito de realidade. Neste

novo milênio entregue ao grande supermercado da arte, surgem aqui e ali, como os brotos que germinam depois de um longo inverno, os indícios de um outro modo de olhar. Sobretudo no cinema, em filmes de baixíssimo orçamento vindos de países pequenos, não contaminados pela globalização, vê-se expressar o desejo de um mundo humano que se perdeu, mas do qual não se desistiu. São filmes que nos proporcionam o alívio de ver que a vida simples, humana, ainda está viva. O homem não é feito só de morte, mas também de vontade de viver; nem só de solidão, mas também de comunhão e amor.

Fitava com olhos de pequeno deus impotente o conglomerado escuro e gigantesco, terno e brutal, detestável e querido, que como um temível leviatã se recortava contra as pesadas nuvens do oeste.

O sol se punha, e a cada segundo o colorido das nuvens mudava no poente. Grandes farrapos cinza-violáceos se destacavam contra um fundo de nuvens mais distantes: cinza, lilases, negruscas. Pena esse rosado, pensou, como se estivesse numa exposição de pintura. Mas logo o rosado foi se espalhando mais e mais, abaratando tudo. Até que começou a se apagar e, passando pelo malva e pelo roxo, chegou ao cinza e por fim ao negro que anuncia a morte, que é sempre solene e sempre acaba conferindo dignidade. E o sol desapareceu.

* * *

Mais um dia terminou em Buenos Aires: algo irrecuperável para sempre, algo que inexoravelmente o aproximava mais um passo de sua própria morte. E tão rápido, enfim, tão rápido! Antes os anos passavam mais lentos, e tudo parecia possível, num tempo que se estendia à frente dele como uma estrada aberta rumo ao horizonte. Mas agora os anos corriam com crescente rapidez rumo ao ocaso, e a cada instante ele se pegava dizendo: “faz vinte anos, quando o vi pela última vez”, ou alguma outra coisa tão corriqueira e trágica como essa, e pensando em seguida, como diante de um abismo, como era pouco, miseravelmente pouco o que restava daquela caminhada em direção ao nada. E então, para quê?

E quando chegava a esse ponto e parecia que nada mais tinha sentido, topava por acaso com um desses cachorrinhos vira-latas, faminto e carente de carinho, com seu pequeno

destino (tão pequeno quanto seu corpo e seu pequeno coração que corajosamente resistirá até o final, defendendo aquela vida pequena e humilde como dentro de uma mínima fortaleza), e então, recolhendo-o, levando-o até uma casinha improvisada onde pelo menos não passasse frio, dando-lhe alguma coisa de comer, convertendo-se em sentido da existência daquele pobre bicho, algo mais enigmático e mais poderoso que a filosofia parecia voltar a dar sentido a sua própria existência. Como dois desamparados em meio à solidão que se deitam juntos para se aquecerem mutuamente.

¹ Alcinha de Juan Galiffi, chefe da máfia argentina nos anos 1920-30, citado no tango "Cambalache" junto a Napoleão. (N. T.)

QUINTA CARTA

A resistência

São os expulsos, os proscritos, os ultrajados, os despojados de sua pátria e de seu torrão, os empurrados com brutalidade aos mais profundos abismos. É entre eles que se encontram os catecúmenos de hoje.

E. Jünger

O pior é a velocidade vertiginosa.

Nessa vertigem, nada frutifica nem floresce. E o medo é próprio dela: o homem adquire um comportamento de autômato, deixa de ser responsável, deixa de ser livre e de reconhecer os outros.

Sinto um aperto no coração ao ver a humanidade nesse vertiginoso trem em que avançamos, ignorantes e temerosos, sem conhecermos a bandeira desta luta, sem tê-la escolhido.

O clima de Buenos Aires mudou. Nas ruas, homens e mulheres apressados avançam sem se olhar, preocupados em cumprir horários que ameaçam sua humanidade. Não há mais lugar para aquelas conversas de café que foram um traço distintivo desta cidade, quando a ferocidade e a violência ainda não a haviam transformado numa megalópole ensandecida. Quando as mães ainda podiam levar os filhos às praças ou visitar seus velhos. Alguma coisa pode florescer a tal velocidade? Uma das supostas metas dessa correria é a produtividade, mas quem diz que seus produtos são verdadeiros frutos?

* * *

É impossível o homem permanecer humano a essa velocidade; vivendo como autômato, será aniquilado. A serenidade, uma certa lentidão, é tão indissociável da vida do homem quanto a sucessão das estações para as plantas ou para o nascimento dos bebês.

Estamos a caminho, mas não caminhando, estamos a bordo de um veículo sobre o qual nos movemos sem parar, como uma grande jangada, ou como essas cidades orbitais que dizem que haverá no futuro. Já nada se move a passo de homem. Por acaso algum de nós ainda caminha lentamente? Mas a vertigem da velocidade não está somente fora, nós já a assimilamos à mente que não pára de emitir imagens, como se também ela fizesse zapping; e talvez a aceleração tenha chegado ao coração, que já pulsa em ritmo de urgência para que tudo se passe rápido e não permaneça. Este destino comum é a grande oportunidade, mas quem se atreve a saltar fora? Tampouco sabemos mais rezar, porque perdemos o silêncio e também o grito.

Na vertigem da velocidade, tudo é temível e o diálogo entre as pessoas desaparece. O que dizemos uns aos outros são mais números do que palavras, contém mais informação do que novidade. A perda do diálogo sufoca o compromisso que nasce entre as pessoas e que pode fazer do próprio medo um dinamismo capaz de vencê-lo e dar a elas maior liberdade. O problema mais grave, porém, é que nesta civilização doente não há apenas exploração e miséria, mas também uma correlativa miséria espiritual. A grande maioria não quer a liberdade, tem medo dela. O medo é um sintoma do nosso tempo. A tal ponto que, raspando um pouco o verniz, é fácil perceber o pânico que subjaz nas pessoas que perseguem as exigências do trabalho nas grandes cidades. A exigência é de tal ordem que se vive automaticamente, sem que os atos sejam precedidos de um sim ou um não.

A maioria da humanidade é empregada de um poder abstrato. Há empregados que ganham mais, e outros que ganham menos. Mas quem é o homem livre que toma as decisões? Essa é uma pergunta radical que todos temos de nos fazer até escutar, na alma, a responsabilidade a que somos chamados.

Acredito que é preciso resistir: esse tem sido meu lema. Hoje, contudo, muitas vezes me pergunto como encarnar essa palavra. Antes, quando a vida era menos dura, eu teria entendido por resistência um ato heróico, como negar-se a continuar sobre este trem que nos leva à loucura e ao infortúnio. Mas pode-se pedir às pessoas tomadas pela vertigem que se rebelem? Pode-se pedir aos homens e às mulheres do meu país que se neguem a pertencer a esse capitalismo selvagem, quando eles têm de sustentar os filhos e os pais? Se eles carregam tal responsabilidade, como poderiam abandonar essa vida?

A situação mudou tanto, que devemos reavaliar com muita atenção o que entendemos por resistência. Não posso lhes dar uma resposta. Se eu a tivesse, sairia por aí como o Exército da Salvação, ou como esses crentes delirantes — quem sabe os únicos que realmente acreditam no testemunho —, proclamando-a pelas esquinas, com a urgência que nos deveriam dar os poucos metros que nos separam da catástrofe. Mas não. Intuo que é algo menos formidável, mais modesto, algo como a fé num milagre, o que quero transmitir a vocês nesta carta. Algo condizente com a noite em que vivemos, não mais do que uma vela, algo que nos ajude a esperar.

As dificuldades da vida moderna, o desemprego e a superpopulação incutiram no homem uma dramática preocupação com o econômico. Assim como na guerra a vida se debate entre ser soldado ou permanecer ferido em algum hospital, em nossos países, para uma infinidade de pessoas, as alternativas de vida se resumem a ser trabalhador em período integral ou ficar excluído. Uma imensa orfandade toma conta das cidades; a grande solidão da pessoa original é uma das tragédias da vertiginosidade e da eficiência.

A primeira tragédia que deve ser urgentemente reparada é a autodepreciação do homem, que constitui a ante-sala da submissão e da massificação. Hoje o homem não se sente um pecador, acredita ser uma engrenagem, o que é tragicamente pior. E essa profanação só pode ser

sanada com o olhar que cada um dirige aos demais. Não para avaliar os méritos de sua realização pessoal nem para analisar seus atos, mas como o abraço capaz de nos dar a satisfação de pertencermos a uma grande obra que incluía a todos.

Se apesar do medo que nos paralisa recuperássemos a fé no homem, tenho certeza de que poderíamos vencer o medo que nos paralisa como a covardes. Eu vivi sob o risco de morte durante anos. Sem medo? Ao contrário, tive medo até a temeridade, mas não podia recuar. Não fosse por meus companheiros, pela pobre gente com que me comprometera, sem dúvida teria desistido. A coragem nos falta quando estamos sozinhos e isolados, mas não quando mergulhamos na realidade dos outros de tal maneira que é impossível voltar atrás. Quando trabalhei na CONADEP,¹ à noite eu tinha sonhos terríveis com aquelas torturas, às quais teria preferido a morte, e neles eram sempre as pessoas mais queridas que as sofriam. Impávido no pesadelo, em seguida eu acordava angustiado, sem saber como prosseguir meu trabalho, mas poucas horas depois não podia me negar a receber quem me pedia que o escutasse. Não podia, era inadmissível dizer não àqueles pais cujos filhos, na verdade, tinham sido massacrados.

Quero dizer que eu não podia fazer isso porque já estava dentro, envolvido. É assim mesmo: depois que ousamos chegar à dor do outro, a vida se transforma num absoluto. Em geral, nem sequer chegamos perto do que ocorre no mundo, do que está acontecendo com todos nós, e então perdemos a chance de nos entregarmos, de podermos morrer em paz, permanecendo domesticados na obediência a uma sociedade que não respeita a dignidade humana. Muitos dirão que é melhor não se envolver, porque os ideais acabam sendo aviltados, como esses amores platônicos que parecem corromper-se com a carnalidade. Pode ser que haja certa verdade nisso, mas a dor humana nos reclama.

Isso, porém, exige criação, novidade em face do que estamos vivendo, e a criação só é possível em liberdade, está estreitamente ligada ao senso de

responsabilidade, é o poder que vence o medo. O homem da pós-modernidade está acorrentado às facilidades que a tecnologia lhe oferece e muitas vezes não ousa mergulhar em experiências profundas como o amor ou a solidariedade. Mas o ser humano, paradoxalmente, só se salvará quando arriscar a vida por outro homem, por seu próximo, por seu vizinho ou pelas crianças abandonadas no frio das ruas, sem o cuidado que a idade requer, vivendo nessa intempérie que arrastarão como uma ferida aberta pelo resto de seus dias. São duzentos e cinquenta milhões de crianças jogadas pelas ruas do mundo.

Essas crianças nos pertencem como filhos e devem ser o primeiro motivo de nossas lutas, a mais genuína de nossas vocações.

Do nosso compromisso em face da orfandade pode surgir outra maneira de viver, em que fechar-se em si mesmo seja escandaloso, em que o homem possa descobrir e criar uma existência diferente. A história é o maior conjunto de aberrações, guerras, perseguições, torturas e injustiças, mas, ao mesmo tempo, ou por isso mesmo, milhões de homens e mulheres se sacrificam para cuidar dos mais desfavorecidos. Eles encarnam a resistência.

Trata-se agora de saber, como disse Camus, se seu sacrifício é estéril ou fecundo, e essa é uma questão que deve ser formulada em cada coração, com a gravidade dos momentos decisivos. Nesta decisão reconheceremos o lugar em que um de nós é chamado a opor resistência; então serão criados espaços de liberdade capazes de abrir horizontes antes inesperados.

É uma ponte o que nos cabe atravessar, uma passagem. Não podemos ficar presos ao passado nem tampouco nos deleitarmos na visão do abismo. Neste caminho sem saída que hoje enfrentamos, a recriação do homem e seu mundo surge não como uma escolha entre outras, mas como um gesto tão impreterível quanto o nascimento de uma criança quando é chegada a hora.

Os homens encontram nas próprias crises a força para sua superação. Assim o demonstraram tantos homens e mulheres que, contando apenas

com sua tenacidade e sua valentia, lutaram e venceram as sangrentas tiranias do nosso continente. O ser humano sabe fazer dos obstáculos novos caminhos, porque à vida basta o espaço de uma fresta para renascer. Nessa tarefa, o primordial é negar-nos a sufocar a vida que podemos dar à luz. Defender, como heroicamente fazem os povos ocupados, a tradição que nos revela quanto de sagrado há no homem. Não deixarmos desperdiçar a graça dos pequenos momentos de liberdade de que podemos desfrutar: uma mesa compartilhada com pessoas que amamos, umas criaturas que amparemos, uma caminhada entre as árvores, a gratidão de um abraço. Gestos de coragem como saltar de uma casa em chamas. Não são atos racionais, mas isso não importa: nós nos salvaremos pelos afetos.

O mundo nada pode contra um homem que canta na miséria.

¹ CONADEP: Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas, grupo instituído em 1983 com a incumbência de subsidiar as investigações dos assassinatos e torturas cometidos pela recém-terminada ditadura argentina. Seus trabalhos se encerraram em 1984, com a entrega do relatório intitulado "Nunca más". (N. T.)

EPÍLOGO

A decisão e a morte

*O morrer, essa intangível ação que se cumpre obedecendo,
ocorre para além da realidade, em outro reino.*

M. Zambrano

Cada hora do homem é um lugar vivo da nossa existência que ocorre uma única vez, insubstituível para sempre. Nisso reside a tensão da vida, sua grandeza, a possibilidade de que a incapturável fugacidade do tempo seja preenchida de instantes absolutos, de tal maneira que, ao olhar para trás, o longo percurso se mostre como um desfiar de dias sagrados, inscritos em diferentes tempos ou épocas.

Deter a vida, seu inefável transcurso, não apenas é impossível, mas, se o fizéssemos, cairíamos na mais negra das depressões; nossos dias passariam carentes de qualquer transcendência, teríamos tempo de sobra e poderíamos desperdiçá-lo banalmente, já que nada de essencial estaria em jogo. A vida do homem se reduziria à felicidade que ele conseguisse forjar, como se a mais grandiosa das existências fosse a que mais se assemelhasse a um cruzeiro num navio de luxo.

Penso que o essencial da vida é a fidelidade ao que acreditamos ser nosso destino, que se revela nesses momentos decisivos, nessas encruzilhadas tão difíceis de suportar, mas que nos defrontam às grandes opções. São momentos muito graves, porque a escolha nos ultrapassa, não enxergamos à frente nem atrás, como se uma névoa nos cobrisse na hora crucial, ou como se tivéssemos que escolher a carta decisiva da existência de olhos fechados.

É um pouco essa a situação que estamos vivendo hoje, quando milhões de pessoas percebemos a urgência que nos reclama, mas não atinamos a

divisar a luz que nos oriente. Unidos na entrega aos outros e no desejo absoluto de um mundo mais humano, resistamos. Isso bastará para esperarmos o que a vida nos deparar.

Desde jovem tenho vivido o embate da liberdade. Passei momentos de angústia sem saber o que fazer, sem compreender as conseqüências de uma escolha grave, diante da qual nunca pude avaliar os fatos com prudência. Lembro de mim como quem corresse um trecho por uma trilha perdida e em seguida voltasse atrás, sem achar o dado definitivo que provasse ser aquele um bom caminho. Pendulava à deriva, até o momento crucial em que a decisão me chegava à alma, e então eu avançava sem medir as conseqüências.

São os valores que nos orientam e presidem as grandes decisões. Infelizmente, pelas condições desumanas do trabalho, por educação ou por medo, muitas pessoas não se atrevem a decidir conforme sua vocação, conforme esse apelo interior que o ser humano escuta no silêncio da alma. E tampouco se arriscam a errar várias vezes. E, no entanto, a fidelidade à vocação, esse misterioso chamado, é o fiel da balança em que a existência é posta em jogo, quando se tem o privilégio de viver em liberdade.

Há momentos decisivos na vida dos povos, assim como na dos homens. Hoje estamos atravessando um desses momentos, com todos os riscos inerentes; mas toda desgraça é frutífera, quando o homem é capaz de suportar o infortúnio com grandeza, sem claudicar em seus valores.

Assim como a vida dos homens, as culturas atravessam períodos fecundos em que as horas de dor e de alegria se alternam sob o mesmo céu; os povos seguem o curso da vida com um olhar legado por gerações e incorporam as mudanças a um sentido que os transcende.

Este não é um desses momentos. Pelo contrário, é um tempo angustiante e decisivo, como foi a passagem dos dias imperiais de Roma ao feudalismo,

ou da Idade Média ao capitalismo. Mas eu ousaria dizer que é mais grave porque absoluto, pois está em jogo a própria vida do planeta.

Nossa cultura vem dando sinais inequívocos da proximidade de seu fim. Vê-se permanentemente obrigada a reinventar notícias, modas ou novas variantes, porque nada do que extrai de si é perdurável, fecundo ou sanativo. Como quando uma pessoa está gravemente doente e o médico lhe receita um remédio novo a cada dia, e a família, em seu desespero, muda repetidas vezes de médico e de tratamento. É isso que está acontecendo conosco, confundimos notícia com novidade. O decisivo é não acreditar que tudo continuará igual nem que este modo de vida ainda há de durar muito mais.

A capacidade de persuasão de nossa civilização é quase nula e se limita a convencer as pessoas da excelência de suas bugigangas, oferecidas no mercado aos milhões, sem levar em conta a imensidão do lixo produzido a cada hora e que a terra não pode assimilar. A globalização, que tanta amargura me causou, tem sua contrapartida: não existe mais a possibilidade de os povos nem as pessoas fazerem as coisas por conta própria. O momento é decisivo não para este ou aquele país, mas para a terra inteira. O destino pesa sobre nossa geração, é essa nossa responsabilidade histórica.

Estes tempos modernos do Ocidente, hoje em sua fase terminal, legaram aos homens uma cultura que lhes deu amparo e orientação. Sob seu firmamento, os seres humanos atravessaram com euforia momentos de esplendor e sofreram com integridade guerras e misérias atrozes. Hoje a duras penas começamos a aceitar sua morte, seu necessário inverno, sabendo que foi construída com o empenho de milhões de homens que lhe dedicaram sua vida, seus anos, seus estudos, a totalidade de suas horas de trabalho e o sangue de todos os que caíram, com sentido ou inutilmente, para o bem ou para o mal, durante cinco séculos.

A modernidade começou com o Renascimento, um tempo inigualável em criações, inventos e descobertas. Foi uma etapa que, como a infância,

ainda se desenvolvia sob o olhar de seus predecessores. Sua verdadeira independência veio com o racionalismo.

Os caminhos da cultura humanista foram percorridos até o abismo. Aquele homem europeu que entrou na história moderna cheio de confiança em si mesmo e em suas potencialidades criadoras agora sai dela com a fé em farrapos.

Estamos indubitavelmente diante da mais grave encruzilhada da história, pois é impossível continuar avançando pelo mesmo caminho. Faz tempo que o sentimento humanista da vida perdeu seu frescor; no interior dele rebentaram contradições destrutivas: o ceticismo minou seu ânimo. A fé no homem e nas forças autônomas que o sustentavam foi profundamente abalada. As altas torres desabaram. Demasiadas esperanças ruíram no coração dos homens. Era o destino do ser humano buscar sua supremacia e sua independência? Esta hora já estaria inscrita nos papiros da eternidade?

* * *

Confesso que durante muito tempo acreditei e afirmei que este era um tempo final. Por causa dos fatos que chegam ao meu conhecimento ou do meu próprio estado de espírito, por vezes volto a ter pensamentos catastróficos, que não deixam lugar para a existência humana sobre a terra. Mas por vezes, ao contrário, a capacidade da vida para encontrar brechas onde voltar a criar me deixa pasmo, como quem percebe que a vida nos ultrapassa, superando tudo o que podemos pensar sobre ela.

Sei que esta carta irritará muita gente, eu mesmo a teria repudiado anos atrás, quando confundia resignação com aceitação. Resignar-se é uma covardia, é o sentimento que justifica o abandono daquilo pelo qual vale a pena lutar; de certo modo, é uma indignidade. A aceitação é o respeito pela vontade do outro, seja ele um ser humano ou o próprio destino. Não nasce do medo, como a resignação; é como um fruto.

Não sei se alguém antes de Berdiaev previu que teríamos uma nova Idade Média. Seria possível, e também sanativo. De fato, parece haver

elementos que indicam semelhanças com o início daquele período, como por exemplo o estado de degradação do poder de Roma, onde o cuidado na eleição dos sucessores do César decaiu até a irresponsabilidade, o que é um grave sintoma, ou a tendência à enfeudação diante das ameaças externas. Naquele tempo, assim como agora, não havia segurança e a violência dizimava aqueles que não estavam protegidos entre muralhas. Também a drástica divisão entre poderosos e pobres, a crescente religiosidade. Na época, as estradas foram cortadas; hoje teriam de ser os cabos, salvo que eles fossem “convertidos” e a televisão passasse a servir às pessoas.

Estamos habituados a sentir a Idade Média como uma noite, um tempo severo, austero, quando todo o esplendor da civilização romana foi apagado. Berdiaev diz:

A noite não é menos maravilhosa que o dia, não é menos divina, e o brilho das estrelas a ilumina, e a noite encerra revelações que o dia ignora. A noite é mais afim que o dia aos mistérios das origens. O abismo só se abre com a noite.

Para nossa cultura, a noite seria a perda dos objetos, que é a luz que nos ilumina.

Quem poderá nos guiar hoje? Onde estão esses seres humanos que, como Joana d'Arc ou o pequeno Davi, são capazes de transformar toda uma história valendo-se apenas de sua fé e sua coragem?

Assim como na morte individual algo ocorre no espírito, e é isso que permite a aceitação da morte, é importante que nossa cultura viva seu outono até o fim. Toda conversão, como a própria morte, implica uma passagem, um tempo para abandonar os traços do passado e aceitar a história assim como se aceita a velhice. Devemos tornar-nos cúmplices do tempo para que caiam os véus e a verdade simples se desnude. Se algo se deve aos homens, é a possibilidade de que a verdade amadureça e enfim se mostre por inteiro, sem as distorções da propaganda nem dos oportunismos.

Sinto entusiasmo ante essa possibilidade de encontrarmos outra maneira de viver. O que ajuda a tomar essa decisão é o sedimento acumulado de fatos isolados, que agora começam a se interligar, de imagens que nos surpreendem, de livros que lemos. As pessoas com que convivemos, um sentimento de pátria quando estamos no exílio. Algo diferente que se valoriza, que nos assombra e que sentimos como uma utopia capaz de nos aproximar. A mudança se dá quando nosso olhar não se dissocia dela.

Não podemos esquecer que nestes velhos tempos, já gastos em seus valores, há quem não acredita em nada, mas também há multidões de seres humanos que trabalham e permanecem à espera, como sentinelas. Na história, os cortes não são terminantes: nos estertores do Império Romano, seus cidadãos já freqüentavam seus vizinhos bárbaros e certamente já tinham amores com eles; do mesmo modo, os praticantes de outro modo de vida já estão entre nós. Hoje, assim como naquela época, há multidões de pessoas que já não pertencem a esta civilização, à civilização pós-moderna. Muitas estão tragicamente excluídas e muitas outras parecem ainda formar parte das instituições sociais, mas sua alma está prenhe de outros valores.

A passagem implica um passo atrás para que uma nova sensação do universo vá tomando o lugar da velha, assim como no campo se levantam os restolhos para que a terra nua possa receber a nova sementeira.

Quem dera nos apaixonássemos por essa passagem!

Quem dera, em vez de alimentarmos os caldos do desespero e da angústia, avançássemos com paixão, revelando um entusiasmo pelo novo que expressasse a confiança que o homem pode ter na própria vida, justamente o contrário da indiferença! Parar de erguer muros em volta de nós mesmos, desejar um mundo humano e já estar a caminho dele.

Como a luz da aurora que se pressente na escuridão da noite, a morte já está perto de mim. É uma presença invisível.

Algumas vezes na vida senti que corria perigo e podia morrer. E, no entanto, aquele sentimento da morte em nada se parece com este que vivo

agora. Então ela teria sido parte das minhas lutas ou de alguma outra circunstância: um fracasso dos meus projetos. Eu poderia ter morrido inesperadamente, e não teria sido como agora, quando a morte vai tomando conta de mim aos poucos, quando sou eu quem se inclina a ela.

Sua chegada não será uma tragédia como teria sido antes, pois a morte não me arrebatará a vida: já faz tempo que estou esperando por ela.

Há dias em que me invade a tristeza de morrer e, como se fosse possível enganar a morte, corro a me entrincheirar em meu estúdio e me ponho a pintar com frenesi, crente de que ela não me arrebatará a vida enquanto houver uma obra inacabada entre minhas mãos. Como se a morte pudesse entender as minhas razões, e eu bancar a Penélope para detê-la.

Quando as pessoas me param na rua para me dar um beijo, para me abraçar, ou quando compareço a algum evento, como a Feira do Livro, onde uma multidão espera por mim durante horas e me cobre de afeto, uma invencível sensação de despedida nubla minha alma.

Cada vez dou menos importância aos exercícios racionais, como se já não tivessem muito a me dar. Como bem disse Kierkegaard, “a fé começa justamente onde termina a razão”. Há momentos em que navego mar adentro sem perguntas, sem reparar na chuva nem no frio. E outros em que me agarro a velhas sabedorias esotéricas, encontrando calor em suas antigas páginas como nas pessoas que me rodeiam e cuidam de mim. Sinto vergonha ao pensar nos velhos que estão sozinhos, abandonados ruminando seu triste inventário de perdas.

Antigamente a morte era para mim a prova da crueldade da existência. O fato que diminuía e até ridicularizava minhas prometidas lutas cotidianas. O atroz. Então eu costumava dizer que, para me levarem até a morte, precisariam do auxílio da força pública. Era assim que eu exprimia minha decisão de lutar até o final, de não me entregar jamais.

Mas agora que a morte se avizinha, sua proximidade me irradiou uma compreensão que nunca tive; neste entardecer de verão, a história do vivido está à minha frente como que posta em minhas mãos, e às vezes um tempo que eu julgava desperdiçado se mostra com mais luz que outro, que eu tinha por sublime.

Esqueci grandes trechos da vida e, em compensação, ainda palpitam em minhas mãos os encontros, os momentos de perigo e o nome daqueles que me resgataram das depressões e amarguras. Também o de vocês que acreditam em mim, que leram meus livros e me ajudarão a morrer.

Copyright © 2000 by Ernesto Sabato
c/o Guillermo Schavelzon & Asoc. Agencia Literaria
info@schavelzon.com

Título original

La resistencia

Capa

Rita da Costa Aguiar

Foto da capa

Corbis / LatinStock

Preparação

Cláudia Abeling

Revisão

Cláudia Cantarin

Carmen S. da Costa

ISBN 978-85-8086-177-8

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br